



AUDIOLIVRO

CRÔNICAS DE MÃE E FILHO PARA ESPIRITO SÃO

Autor: Daniel Lemos
Narração: Duda Nazaré

Apoio financeiro:



SECRETARIA
DE CULTURA

SECRETARIA ESPECIAL DA
CULTURA

MINISTÉRIO DO
TURISMO



Crônicas de mãe e filho para espírito são

Crônicas de mãe e filho para espírito são
Daniel Lemos

Andaraí

2020

CATALOGAÇÃO NA FONTE

AUTOPUBLICAÇÃO DOS EDITORES DE LIVRO, BA

Lemos, Daniel, 1988

Crônicas de mãe e filho para espírito são/ Daniel Lemos, - Andaraí

Auto publicação, 2020.

ISBN 978-65-00-21120-

1. Romance brasileiro. 1. Título

Copyright by Daniel Lemos, 2020

Capa: Daniel Lemos

Texto revisado segundo o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa

Direitos reservados a Daniel Lemos

Rua Melquiades Veiga 22- 46830-000- Andaraí, Ba- Tel.: 75 98165 4294

Minha mãe sempre foi sã.

Ela se comprometia com as próprias responsabilidades, mesmo sendo uma mulher condicionada a um papel limitado. Desejos e capacidades intelectuais para exercer o que quer que fosse não estavam em jogo em sua vida.

O lugar que ela ocupava era uma espécie de cadeia.

Ela era uma ré.

Uma ré que nada fizera além de trabalhar desde cedo na fábrica de tecidos, e que iria carregar para sempre o machismo como um pesadelo cheio de imagens fantasmagóricas de autodesvalorização.

Minha mãe não conseguia se olhar no espelho de tanto que ela havia sido maltratada.

Ela havia sido também exposta.

Ela me contava que quando ainda estava nos primeiros anos do secundário, que a professora e os colegas a chamavam de perna de saracura.

Que todos riam sem parar dela.

Isso causava nela um estado de diminuição afetiva literal. Ela procurava, em plena sala de aula, um caixão para cair morta.

Seria o jeito de escapar e de nunca mais ter que passar por cenas tão humilhantes.

Eu penso na professora.

Ela era uma criança condicionada a uma sala de aula submetida a uma professora que lhe aplicava uma espécie de imagem pejorativa.

A sua singularidade estava sendo violentada.

O que será que a professora pensaria se soubesse que minha mãe a levou para sempre como a responsável pela inferioridade da sua fisionomia?

Talvez, nada.

Diante da perversidade de alguns adultos, cujos comportamentos transferem esse tipo de maldade para crianças que não conseguem se sensibilizar com o sofrimento do outro.

Ou, na verdade, minha mãe foi uma criança diferente das outras por ser vista como alguém ‘anormal’?

Uma ave.

Ela era uma ave no meio humano: uma transformação animalesca do que nem mesmo ela conseguia alcançar, psicologicamente, diante do coro dos “normais”.

Ela era uma ave, os outros eram germes.



Se for algum tipo de praga lançada sob minha mãe, ainda não sabemos. Mas conseguimos compreender que aquele apelido, que a fez sofrer uma vida inteira, apresentava mais mistérios do que a racionalidade dela podia alcançar.

A saracura é uma ave solitária, que se esconde nos juncos, e a única forma de ir até o seu encontro é pelo som que ela emite, o qual destoa da sua imagem.

Um som que faz alusão a um porco em estado de coerção espacial.

Suas plumagens a torna exótica, diante da coloração diversa que assume.

Uma ave sempre ameaçada.

Que procura os juncos ou o fundo d'água como escape para um ensaio solitário e harmônico da sua experiência de vida.

Um ser vive dois seres vivo; somos três.

A metáfora da saracura tomou forma humana e de nome Maria do Rebento.

Junto aos seus diversos processos de metamorfose, a tornou sociologicamente um sujeito refém de todas as manobras que ajudam o outro a sucumbir mais rápido, em sistemas sociais e políticos que escolhem quem vai usufruir dessa experiência para saltos de felicidade, como quem irá se fechar e encenar angústias e eternos retornos como performance de vida.

Reperformar.

Minha mãe nasceu em uma pequena cidade do interior da Bahia, habitada por cerca de cinco mil habitantes.

Uma terra de índios cariri.

Como quase todas as cidades brasileiras limpavam seus primeiros habitantes e construiu hinos cafonas, além de datas comemorativas.

Fatos esses que sinceramente nunca compreendi.

Eu tenho 22 anos e me lembro de algumas histórias que ouvi minha mãe contar, e parecia, a cada história que ela contava, uma certeza de maldição havia sido jogada sob nós dois.

Atravessamos experiências bastante parecidas, o que nos tornou próximos- ainda que muitas vezes não houvesse tempo para nos comunicar como se vivêssemos em um enfadonho momento terapêutico-.

Minha mãe jamais aceitaria o papel de ser analisada.

O trauma que lhe acometia devido à falta de liberdade, lhe fazia correr dos olhos investigativos de um sujeito aplicando métodos, que poderiam cair elegantemente bem, como poderiam parecer facas cortando a carne, deixando cair pedaços de glóbulos vermelhos em processo de putrefação pelo chão.

Vermelhos eram os olhos da sucupira, que como dois botões de roupa filmavam tudo e não deixavam escapar uma só imagem.

Esse era o olhar de minha mãe, investigativo e crítico, além de muito colérico e de personalidade mutante.

Ela criticava tudo e a todos ferozmente.

O que nem sempre parecia de bom tom para seus objetos de análise.

Mas não era por mal.

Essa moral não passava por suas intenções.

Eram tantas as mágoas diante do cenário de mentiras e hipocrisias a que ela assistia diariamente, que o que a tornou colérica não foi gratuito, tampouco uma alucinação.

Atos intencionais.

Eu também sofria desse mal, como vociferava meu pai acerca desse temperamento investigativo e nem sempre lúcido.

Meu pai não era masculinidade a ser exemplo.

Negávamo-lo a todo custo, mas reconhecíamos o esforço de provedor.

Nem sempre, às vezes, sim.

Não tínhamos a melhor personificação de lucidez, e tampouco nos importava se havia psicofobia a nos punir pelo nosso encarceramento.

Não éramos “anormais”, e não queríamos pertencer aos sujeitos da “normose”.

Éramos aves.

Não deixávamos qualquer predador entrar em nossos ninhos, brincar com nossos voos.

Eles queriam nos castrar, e a gente sabia dessa maldade aplicada como forma de eles entregarem suas personalidades autoritárias.

Ela, sucupira e eu, veado.

Articular amor nem sempre foi fácil entre as pessoas pobres, humildes e sem competência afetiva para construírem um ato poético como ensaio de linguagem protetiva.

Éramos tal quais mamíferos nos protegendo na selvageria humana, que a todo custo nos tomava a liberdade e nos colocavam em jaulas e castravam nossas forças criativas.

Tínhamos sobrenome veado e sucupira, atravessando escadarias escuras e becos com bêbados e adictos à procura de uma próxima fissura ou vítima.

As escadarias de lama, em um dia chuvoso, quase fizeram de minha mãe uma estatística da brutalidade da cultura do estupro.

Ela tinha 15 anos e voltava do serviço, às 17h30minh, no bairro Capão Redondo, em São Paulo.

Quando descia do transporte e pegava uma longa estrada de barro para alcançar sua casa.

Nesse fatídico dia, fora perseguida por um homem que caminhava quase colado ao corpo dela, -o que a fazia apertar os passos para não ser violentada em uma vala escura cheia d'água-.

Ela rezava incessantemente, quando começou a choramingar baixo.

Era uma parte da rua que tinha barro e, em um pedaço de pista, foi agarrada pelas pernas e cintura. Ela tentava gritar, mas dizia que sentia vergonha de gritar e ser julgada.

O que parece torturante para uma análise psicanalítica.

Enquanto gritava ou tentava gritar, apareceu outro rapaz e tirou o estuprador do corpo dela.

O lenço que ela usava na cabeça caiu no chão de lama, ela abaixou para pegá-lo, olhando para trás para ver se o estuprador estava distante.

A imagem era a pior de todas: um monstro coberto com uma capa preta, rindo alto, enquanto o outro rapaz que conseguira salvá-la olhava para “assegurar” que tudo estava bem.

A imagem era agonizante: sua calça boca de sino, suja de lama, pesada, anunciava uma invasão à liberdade de corpos que nunca tiveram segurança para transitarem sem medo do machismo ou de outras repressões vigentes.

Corpo amarelo, franzino, de caminhar descompassado e olhos amedrontados pelo autoritarismo do outro.

Esse era o corpo da mulher sucupira.

Ao chegar em casa, minha mãe tinha os olhos personificados da sucupira, que os levou a se comunicar com sua mãe que, ao vê-la, sabia que algo havia acontecido.

Ao contar o ocorrido, sua mãe saiu em disparada pela rua lamacenta e chuvosa à procura do que talvez viesse a ser seu monstro também.

Minha mãe ficou em casa, com todo medo e ódio de si, como erroneamente são acometidas às vítimas de abusos diversos.

Era um inferno ter que sair de casa, pois todos os dias eu era insuportavelmente abordada por homens nas ruas, que quando não me chamavam de feia, sem graça, chulada de peitos e bunda, me chamavam de coisas que só na cabeça de quem diz pode parecer agradável, como gritar gostosa enquanto eu passava para trabalhar.

Eu me sentia tão em desconexo com todas essas reações, que vivia comprando pó de arroz para armar uma espécie de segundo rosto e, assim, ser esquecida.

Mas parece que quanto mais eu existia fora de casa, mais as coisas ruins me perseguiram.

Diversas vezes eu olhei para o céu e perguntei a Deus se eu devia algo a ele, se eu já havia nascido devendo algo a ele.

Uma espécie de falta me tomava por dentro e me levava a viver friamente ou efusivamente.

Eu estava sempre sofrendo pela falta ou pelo excesso.

Minha mãe repetidamente me contava essas passagens da sua vida.

Com ar de muita decepção consigo mesma.

Como se ela tivesse consciência de que era preciso superar e driblar o que o outro aplicava como golpe ao seu corpo e à sua liberdade.

E talvez essa tenha sido a forma como me vi elaborando minhas questões e meu lugar naquele pequeno município.

Momento importante para eu pensar minha masculinidade.

Repensar masculinidades e suas possibilidades subjetivas.

Ela havia saído de São Paulo.

Fora expulsa pelos pais, pois diziam que ela precisava se casar e formar família. No entanto, minha mãe dizia jamais pensar em constituir família, fosse por se achar tão feia e incapaz de conquistar um rapaz para estar com ela, fossem pelos transtornos que tomavam a sua mente e faziam com que não saísse do medo e prisão interior.

Esse foi o momento em que me vi cheio de coragem para driblar todas as questões sociais e políticas que nos acometiam.

Eu precisava sair daquele pedaço de terra e daquela estrutura cultural de emburrecimento em detrimento de uma nova escravização dos corpos: que era seguir pessoas brancas, ricas, herdeiras de terras, casas grandes, capitania hereditárias e que gostavam de colecionar pessoas pobres ao lado delas.

Para assim terem o ego preenchido com o que o capitalismo cria como jogos de poder: a desigualdade.

Essas pessoas costumam serem soberbas, egóicas e cheias de piedade cristã: atingindo a Cristo com muita decepção e desejo de vingança.

Eu sempre tive a ironia como arma para meus medos.

Chamo de medo a consciência, desde cedo, sobre a desigualdade.

Minha família sempre foi muito pobre.

Muito.

Para garantir nossas vidas e nos dar um tanto de dignidade, meu pai tornou-se uma espécie de 'faz tudo' para os poderosos da cidade.

Ele fora criado por padres em uma paróquia, que sempre enviavam donativos para nos manter em estado de tranquilidade.

Que podemos chamar de alimentação nutritiva.

Ganhávamos de tudo da igreja, até telefonemas em italiano e conversas noite a fora com meu pai, que gemia ao telefone, enquanto minha mãe dormia ou estava fora.

Não sabíamos o que ele fazia ao telefone ao gemer.

Talvez estivesse transando pelo telefone.

Com padres?

Dizia-me Argentina, minha irmã mais velha.

Uma acusação que poderia ter rendido muitos problemas.

Problemas sérios, inclusive.

Mas existiam gemidos e cartas que somente meu pai entendia. Por isso eu me aproximava de minha mãe para tentar entender qual era o tipo de contrato que havia no casamento deles.

Os mistérios que rondavam a igreja católica e meu pai me tornava inimigo das religiões.

Até o momento em que passei a entender de religião de matriz africana.

Meu pai era uma espécie de pároco: ele zelava da igreja que havia na rua onde morávamos e, também, celebrava missas.

O mais curioso era que ele não chamava ninguém de nossa casa para ir à igreja.

Éramos cinco.

Somente ele frequentava a igreja. Parecia um tipo de missão de culpa eterna.

Enquanto isso, minha mãe ficava em casa, a ouvir músicas ou a contar histórias de sucupira e escadarias sombrias de seus 22 anos, de quando morou em São Paulo.

Ela é baiana, foi cedo para a capital, porque seus pais decidiram morarem lá.

Ela contava sobre o desespero de sua mãe em relação ao machismo e aos maus-tratos que todo sistema autoritário causava às mulheres, de geração em geração.

Também contava histórias tristes de machismo que afetou sua avó, sua mãe, suas primas e, também, a ela.

São casos sempre particulares.

O seu pai era proprietário de uma venda de cachaça e embutidos de carne que serviam de petiscos.

Todo dinheiro adquirido por ele era usado com rameiras, dizia ela, enquanto em casa mal tinha o que comer, o que causou um mal-estar e provocou o adoecimento da sua mãe, diante de muito ódio e desejo de matar o marido e ir embora para São Paulo.

Todos os nordestinos infelizes na Bahia desejavam o êxodo rural.

Era triste ver minha mãe ir atrás de meu pai na rua da jaqueira, rua pela qual mulher de família não passava, devido à existência de bordéis e por ser visitada somente por rameiras e coronéis.

Mas minha mãe ia lá, se embolava com pessoas de todo tipo, a rirem da ingênua mulher dócil, que perdia seu marido para os embalos de braços livres e, ao mesmo tempo, reféns de um sistema como o machismo, que magoa algumas mulheres e ilude outras com merrecas que não davam para comprar um mês de aguardente.

Minha mãe repetia essa história sempre que queria falar das opressões que sofrera como mulher.

Ela não estava pronta para ser mãe, me dizia.

E eu imaginava, ao mesmo tempo, se havia alguma mulher disposta a ser mãe, diante de um sistema tão desigual em direitos de gênero.

Ela não gostava do miado dos gatos que moravam no telhado de barro da nossa casa, dizia lembrar do meu choro e dos meus irmãos quando éramos bebês, e que não tinha ajuda para cozinhar, lavar, passar e ao mesmo tempo cuidar de duas crianças e um bebê.

Viver em São Paulo foi só tristeza e muitos medos e traumas.

A personagem sucupira não se dá nessa cidade. Bem como todo o vir a ser de uma ave humana que nunca tentou metamorfosear seu destino criado pelo olhar dos outros.

Talvez lhe faltasse criatividade ou pessoas boas ao seu lado.

Tudo era espelho.

Espelho para ser arremessado ao longe e nunca compor como imagem a ser seguida.

Em casa não havia perspectiva para nada.

A impressão do nada nos tomava diariamente. Ainda que pudéssemos ter mesa farta, através dos donativos que os padres enviavam, havia algo de muito pesado em todos nós.

Quando compreendi que já não existia mais o casamento, como requer dois corpos apaixonados, passei a entender que meus pais estavam há anos vivendo em celibato.

Meu pai cumpriu, depois de anos, a promessa que a paróquia engendrou na mente dos órfãos.

Ele tentou a fuga, mas a ideia inicial tinha como fim último a salvação, o que parece melhor, diante das paixões castradas.

Perguntava-me como meus pais estavam se encarando diante de um compromisso de uma instituição falida, para alguns, como é o casamento.

Serra de Pedra era uma cidade que ainda seguia os ditames da colonização. Fosse geograficamente ou pelo psicologismo de colono que acometia tantas pessoas.

Pessoas que usavam cabrestos dos senhores das capitânicas hereditárias, que rondavam com seus espíritos malignos por terras e pelas cabeças delas.

Senhores que mantinham posicionamentos corruptos de si e das instituições por onde passavam.

Esses eram os senhores que haviam deixado heranças malditas naquelas terras amaldiçoadas pelos seus fantasmas e seus atos levianos.

Minha mãe foi se constituindo na cidade como 'a louca'.

Acho que só não a chamavam de rameira porque ela mantinha a amizade com meu pai. Mas nada mais que isso. Dormiam em quartos separados, porém, não saíam de casa para viverem vidas independentes.

A moral que assolava a hipocrisia das pessoas de Serra de Pedra cristalizava o pior que cada um pode ser para si, que é sendo qualquer coisa menos feliz.

Não havia felicidade e minha mãe ia sendo boicotada no município, simbolicamente, como se fosse uma ameaça.

Talvez tivesse relação muito forte com o fato de termos um bom relacionamento afetivo e a cidade me julgar por causa da minha orientação sexual.

A cidade queria que minha mãe e eu fôssemos para igrejas, procissões e demais eventos religiosos.

Mas nunca íamos, e talvez essa fosse a melhor forma de mostrarmos que ainda tínhamos autonomia.

Em nenhum momento deixamos de frequentar esses lugares por nos sentirmos melhores ou por julgarmos que a fé, fosse de quem quer que fosse, não seria uma manifestação divina real.

Minha mãe rezava ininterruptamente e não falava mal de ninguém.

Muito pelo contrário.

O pouco ou o muito que ganhávamos era dividido com diversos meninos carentes que apareciam em nossa porta.

Tínhamos uma prima muito pobre que apresentava problemas com o marido, minha mãe fazia feiras, e sempre que meu pai dava às costas, agia com filantropia sem instituição ou olhos de aplausos.

Ela não fazia por concessão moral, mas por ética, pois entendia que o outro precisava e recorria a ela como forma de dizer que ela era pessoa boa.

Mas as pessoas da cidade não queriam isso, além de nutrirem inveja da sorte de não sermos mais uma família a viver com fome.

Tudo era dividido.

Minha mãe alimentava diariamente quatro crianças que vinham de suas casas para a nossa.

Elas passavam o dia nesse vaivém.

Dormiam bem, graças ao ato generoso de uma pessoa que nunca precisou de bíblia ou grupos de fiéis, contando suas caridades.

Sabíamos que éramos pobres e precisávamos dividir o que ganhávamos.

Até a nossa casa havia sido presente de casamento para os meus pais, dada por um dos padres da paróquia onde meu pai crescera.

E era uma casa no centro da cidade, o que causava impacto negativo diante dos senhores das casas grandes e bancários, que sabiam não ser possível um operário comprar uma casa no centro da cidade e viver alimentando outras pessoas.

Essa lição ética irei levar por toda minha vida.

Não é preciso concessão moral para sermos bons, basta sermos, de fato, humanos.

Eu e minha mãe passamos a dividir situações parecidas no decorrer da vida.

Momentos como a tentativa de estupro, que diversas vezes sofri, acometido por homens maldosos, que especulavam sobre minha orientação sexual e faziam disso objeto de domínio do jogo perigoso e amaldiçoado de olhar algumas pessoas como sendo capazes de dessubjetivarem seus corpos, interrompendo seus desejos espontaneamente em detrimento de suas forças truculentas e de suas ações perversas e doentias.

Lembro-me de um rapaz que me atraiu para tomar um sorvete e, ao me entregá-lo, o que seria a dita delícia, me mostrou seu pênis, ereto, pegando minha mão e segurando-a sobre o seu membro até ejacular e me mostrar o sorriso mais desafiador que até hoje eu tive.

Como força coercitiva de uma cultura machista que faz de vítima até mesmo aqueles corpos que pertencem à mesma marcação de gênero.

Nesse momento me tomei de um nojo que até hoje me causa bloqueio.

Indo na direção do rio que se localizava próximo à minha casa, cortei minha mão com areia, na tentativa de tirar aquela coisa nojenta de mim.

O sangue se misturava à areia e ao meu medo.

Sim.

As vítimas de abusos, diversos, se sentem culpadas e cheias de medo.

Como dizer isso para alguém?

Quem vai nos compreender enquanto delatores de ações monstruosas dos outros?

O silêncio e o adoecimento tomam conta de nossas mentes e nos levam a uma espécie de incapacidade para sair de tal sensação de medo.

Mas é preciso procurar ajuda profissional e sair da zona de paralisação e medo.

Era o que eu dizia diariamente para minha mãe.

Até o dia em que ela passou a enfrentar todas as ameaças moralistas de pessoas que só sabiam o que eram atos corruptos e desculpas e vícios do senso comum para fazer mal ao outro.

Haverá sempre possibilidades de esperança e de liberdade.

Ela me dizia ser muito difícil esquecer todas as experiências pelas quais fora submetida.

E eu nem pensava em esquecê-las, como meta de um processo de cura. Eu desejava viver sem aquelas imagens como sendo regularizadoras das minhas relações com o outro.

Acreditar na vida e afirmar a vida como nossa capacidade de qualquer possibilidade.

E era assim que juntos íamos construindo novas narrativas de esforços diários de vidas felizes.

Virtude de pobre é ser otimista e produzir alegria, reforçava uma professora e ser humano cheia de potência para o bem e para a liberdade de todos.

Por isso, mostrei para minha mãe como era possível criarmos outras narrativas para nossos corpos serem atravessados.

Assim, estudei em casa para o vestibular de filosofia e fui aprovado.

Não tínhamos condições para financiarmos meus estudos, muito menos para eu sair de casa e morar em uma cidade grande. Mas arrisquei.

Saí de casa com cem reais e fui morar no mundo.

O mundo é uma grande mãe.

De um sistema de opressão constante, mas que abraça todos seus filhos e permite construirmos alegrias e saberes que opressão alguma nos impede, pois podemos derrubar o que apenas faz parte de hábitos autoritários, quando agimos potencialmente contra.

Para minha mãe esse era um ato demasiadamente transgressor, enquanto para mim era apenas um desafio, poder sair da sina infeliz, pela qual ela se debruçou a fim de ver a vida escorrer diariamente nos corpos de seus obsessores.

Eu não iria repetir aquele estado de pobreza de sentido.

E pude aprender a colocar o espírito filosófico em todas as circunstâncias da vida.

Não era de o meu feitio apresentar autoajuda ou certificado de quem sabe o que o outro deve fazer para ser algo ou alguém. Meu desejo era tirar minha mãe de um lugar construído socialmente e pelo quais muitas mulheres passam principalmente mulheres pobres.

Minha mãe era amarela demais para ser negra, e negra para ser branca. Mas casou-se com um negro retinto e tivera filho negro.

O que podia servir de possibilidade de pensamento sobre as desigualdades e, assim, ela mesma pensar no seu processo infeliz.

Miscigenados.

Germinados em humanos.

Esses processos de energias ruins, que atravessaram nossos corpos, nos trouxeram uma forte ideia do que podemos compreender como política.

Política do interior é o escárnio daquilo que podemos chamar de subordinação das vidas que há nas cidades geridas por homens.

Essa mentalidade sintética nos trouxe a chance de pensarmos de forma orgânica. Já que os cárceres montados contra nossos corpos pelas pessoas que não aceitavam nossa subjetividade anticorrupção e contra toda forma de brincar com vidas foram reconstruídas, remontadas, reorganizadas diferentes da ordem política que, mantendo-as

em manutenção de pobreza e adoecimento das faculdades racionais, condicionavam o medo imposto a corpos obedientes e vazios de potência.

Potência positiva.

Entendíamos que as nossas ações precisavam ter como finalidade sempre o bem e assim não estaríamos subordinados aos poderes corruptos, que diariamente roubam o que temos enquanto objetivo do que seja o bem para as ações que praticamos.

Minha mãe não tinha chegado a cursar o quinto ano do secundário, mas a sua sabedoria de vida ultrapassava o conhecimento técnico de algumas pessoas.

Pessoas que mesmo obtendo tantos canudos não se tornam pessoas éticas, capazes de agirem para as melhores políticas e suas ciências destinadas à cidade.

Minha mãe entendia, por exemplo, que não adiantava votar em políticos conhecidos nossos, por questão de afinidade ou desejo de vê-los bem.

Era preciso gostar e querer ver bem os cidadãos, e a cidade funcionando para o bem dos mesmos.

A problemática era ainda maior, pois não podíamos pensar que nossos desejos individuais forneciam capacidade para derrubar estruturas de segregação.

Eu não podia dizer que não era corrupto se votava em sujeitos corruptos, quando a estrutura se faz forte por me indispor a derrubá-la.

Então, nosso atravessamento de sofreguidão também nos trouxe outras formas de ver as finalidades das coisas.

Por isso não precisávamos agir como indivíduos únicos do mundo, em que nossos desejos isolados teriam qualquer força diante do que chamamos de mundo melhor ou, no nosso caso, de cidade melhor.

Esse pensamento nos permitia refletir nas equipes que estavam na prefeitura e com tal político, em quem votamos por acreditar que seria o melhor para a cidade, ou seja, para o bem comum.

Equipe de pessoas ressentidas e amarguradas, certamente, constituiria projetos conforme seus sentidos de vida.

E, assim, eu e minha mãe construímos nosso novo lar.

Fazíamos do nosso lar uma experiência de possibilidades de novos afetos, novas políticas e novos paradigmas de vida.

Entendíamos o processo perigoso que cerca cada sujeito e que pode torná-lo tão nocivo para o outro quanto os problemas pelos quais esse tivera que passar, diante de uma sociedade cheia de poderes e nenhuma solução ética como finalidade política de equidade.

Não era fácil visualizar nada disso, mas como pensadores, estávamos ótimos.

Queríamos a justiça e a bondade como forma de nos unirmos ao outro.

Nossa casa era visitada somente por pessoas vitimizadas pelos processos de opressão, e espontaneamente, trocávamos elaborações e afetos, além de dividirmos as guloseimas que tanto ela quanto eu sabíamos fazer, para compartilharmos com pessoas de coração pulsando amor.

Mesa farta. Pedia eu aos orixás. Sempre. Sempre farta.

E até nessa marcação éramos questionados por pessoas que mantinham ‘poderzinhos’ em seus quadros de empregados de prefeituras, ou por aquelas famílias arrogantes que herdaram suas manchas de sangue em forma de casas grandes e pedaços de terra que, com certeza, foram conseguidos à base de muito derramamento de tristeza.

Capitanias hereditárias de estupros, autoritarismos e corrupções.

Não puxávamos o saco de ninguém e tampouco gostávamos de quem tinha poder.

O poder era amar uns aos outros e viver com nossas questões, a fim de buscarmos caminhos de alegria e de harmonia.

No momento em que minha mãe decide voltar para São Paulo, para trabalhar e para dar um tempo de todos nós da família, compreendi o quanto ela estava exausta e que precisava ressignificar o que outrora não fora possível.

A sua ida para São Paulo após mais de vinte anos a fez romper com estigmas que ela mantinha, ainda, como abscessos cerebrais impedindo que novos sentidos a tomassem.

Ela foi trabalhar como doméstica para uma família indicada por uma amiga sua de décadas.

Eu e meus irmãos sempre tivemos autonomia, pois esse foi o maior presente de nossa mãe.

Soubemos nos virar sem precisar que ela sentisse culpa por sair um pouco da personagem mãe e atuasse enquanto subjetividade não estabelecida depois das gestações.

Ela ligava para casa e me contava como estava contente em estar lá, e que podíamos ir para lá também. Mas não era possível, pois teríamos muito desespero a enfrentar.

O melhor de todos os acontecimentos, desde a ida da minha mãe, foi uma caixa que chegou por uma transportadora.

Essa caixa continha uns cem livros de filosofia e literatura, que a patroa de minha mãe me presenteara depois que soube do meu interesse por leitura.

Foi o melhor presente de toda vida, pois jamais seria possível adquirir uma biblioteca com mais de cem livros em menos de um século de vida em razão da minha situação econômica de extrema pobreza.

Os livros me causaram um sentimento de esperança, ao pensar em minha mãe e na perspectiva de que ela estava conseguindo instruir sua vida como ser humano e, também, para outras pessoas, mostrando que o bem não pode ser prejudicial para ninguém, mas sim o contrário, seja para ricos e para pobres.

Minha mãe me mandava cartas e nelas contava como estava melhor, e que isso fazia parte do seu processo depois que saiu da juventude, e que não conseguia entender questões como as que juntos pudemos construir enquanto revisão de raciocínios.

Ela conseguia lidar melhor com as pessoas que ia conhecendo e não mais as julgava como sendo responsáveis por qualquer problema que lhe viesse rememorar.

E sabia que era momento de construir outra liberdade.

As cartas, dizia ela, era para sentirmos um pouco do outro.

Por outro lado, eu falava com ela que juntos poderíamos conversar sobre as questões que foram sendo reveladas e, assim, eu poderia dizer que não se tratava apenas de ser jovem na idade, mas, sim, de experiências que atravessam nossos corpos, pois a partir do momento em que fui conhecendo pessoas de caráter diferente das pessoas que antecederam minha ida para estudar na cidade grande, podia nutrir ideias que levavam a me prender em paixões completamente contraditórias ao processo de reconhecer minha potência criativa.

Que minha mãe se tornasse uma pessoa consciente da nossa luta e das consequências políticas eu sabia que iria acontecer, pois os olhos de saracura vermelhos e espertos não deixariam o 'veado' só.

Estaríamos unidos ainda que em faunas diferentes.

O amor estaria sendo nossa interpretação de vida. Nossa investigação deveria ser nesse tom: de justiça e de bondade.

Meu propósito de voltar para o interior, depois de pensar que nunca mais restabeleceria esse contato, foi por consciência de que tinha propósito para com minha mãe, através de todo saber e conhecimento adquirido durante meus anos de vivências distantes de todos.

O princípio, dizia minha mãe para mim, pode não pertencer a todos diante da falta de instrução educacional ou de estrutura familiar saudável.

Ela mesma tivera diversos problemas com todas essas questões, mas ao escolher ser mãe, foi criando o que chama de atenção aos outros.

Não tinha ideia do que era ser mãe e o que isso poderia lhe causar, e foi justamente ouvindo os que sabem que adquiriu competência para ser mãe.

Minha mãe me conta que com isso foi tecendo todas as outras necessidades para a sua autonomia. Ela não sabia ir ao banco, mas aprendeu a perguntar, a ouvir.

O comum dos sentidos a fez crescer e tomar para si o cuidado necessário com sua vida.

Passou a fazer atividades para o corpo, a meditar, ainda que fosse lendo a bíblia.

Dizer ‘ainda’ significa que poderia assumir outras leituras, mas creio que isso faça parte de um projeto para depois.

Ela me dizia que era fácil compreender o que lhe haviam feito agora que tinha tido a experiência de que ser feliz pode ser caminho possível.

Possível porque não precisamos acumular o que as pessoas procuram acumular, meu filho. A vida de quem não tem um teto para morar e o alimento para nutrir o corpo é o verdadeiro infortúnio causado pela política que não visa a felicidade dos cidadãos, por isso o mínimo de dignidade precisamos ter.

Temos nossa casa e não precisamos de outras cidades para ser felizes.

O que precisamos ter é aquilo que pode nos dar dignidade, justiça e bondade.

As premissas que minha mãe usava pareciam com escritos filosóficos e, certa vez, em visita a ela, nas férias da faculdade, colegas me disseram que minha mãe tinha a dor que fez de alguns filósofos os maiores e mais estudados.

Eu observava as dores de minha mãe e elaborava o que era preciso, enquanto ações autênticas para me tornar potente e capaz de consciência coletiva.

Todos os processos se amalgamaram e transformaram em objetivos de vida para pés no chão findarem.

Podia sussurrar estranho, para quem não entendia a relação afetiva entre filho e mãe, interpretar minha volta para a casa dela com tantos desejos que fossem bons para todos.

Eu não podia ter saído de casa depois de tanta perseguição de ‘cidadãos de bem’, que prezavam a moral religiosa acima, inclusive, da liberdade de jovens que nada queriam, além de existirem em processo de investigação das experiências que os tornariam sujeitos capazes de autonomia.

Não desejávamos, quando jovens, repetirmos e reproduzirmos tantos vícios, fosse da linguagem, que diariamente aplicava preconceitos em pessoas que a sociedade elitista considerava ‘anormal’, fosse a atos intencionais, de excluir algumas pessoas de espaços e condições de criarem dignidades para suas vidas.

As pessoas da cidade eram tão obcecadas em vigiar e punir a vida do outro que, certa vez, eu estava esperando uma colega do ginásio para fazermos o que mais gostávamos, conversar sobre música brasileira, quando uma das tias dela apareceu na porta e, sem nenhuma condição de compreender minha idade e quem eu de fato era, desferiu ofensas que por muito tempo me marcaram.

É claro que deixei de contar para minha mãe diversas coisas ruins que foram acontecendo comigo, a fim de cessar com as angústias e encorajá-la a também elaborar o passado e potencializar nosso devir.

A tia da minha colega disse que haviam falado para ela que eu não era boa influência para a sua sobrinha, e que não queria mais que eu fosse até a sua casa.

Eu e minha colega ficamos tão assustados com aquela declaração que nos silenciámos e esqueci de me levantar do passeio e ir embora.

Precisei ouvir o segundo alarme da boca da sua tia que, com um tom ainda mais sério e decisivo, me disse se eu ainda não tinha entendido que não era para ficar ali.

Levantei ainda confuso, e desci a ladeira da rua onde estava para voltar para casa.

Ao chegar a casa permaneci calado, pensando em como poderia mudar aquela realidade.

Sabia que assim que fosse embora daquele lugar, a minha volta teria outros sentidos, e que esses sentidos seriam diferentes da mediocridade e dos dogmas que aquela gente perversa queria aplicar em todos nós.

Éramos jovens curiosos demais para toda demência daquela gente, que perpetuava costumes cotidianos, que só criavam desejos pelo que conseguiam enxergar no espelho como verdade e empatia.

Os olhos deles não conseguiam criar empatia diante do que não viam quando se olhavam nos espelhos.

Por isso, para a maioria das pessoas da cidade, nos enxergar assumia percepção distante demais daquilo que elas estavam acostumadas a ter.

Esse era o objetivo da minha relação com a minha mãe nesse retorno para a casa dela:

Eu queria encerrar com o danoso olhar de ressentimentos e mesquinhas das quais nossa alma estava constituindo nossos corpos.

De tanto minha mãe se esconder do presente da sua vida por causa das experiências do passado, ela congelou aquele olhar de jovem perseguida e humilhada para o seu devir.

Mas eu sabia que juntos poderíamos transformar nossas vidas. A começar pelas formas que esteticamente nossas vidas tinham, enquanto projeção para o outro, ressonância negativa do todo.

Nossa casa já havia sido um presente de certo padre para o meu pai, em uma rua cercada por pessoas que se garantiam financeiramente ou pelo status quo de poder que aquele pedaço geográfico lhes dava. Afinal, a geopolítica nos tomou desde cedo como compreensão de continuidade do processo de colonização e, conseqüentemente, de racismo.

Nessa rua, os únicos negros eram os de minha casa, os demais passavam com suas peles descabidas diante de tanto processo de miscigenação, assumindo, sabe-se Oxalá, com quais perspectivas de poder em suas cabeças ocas de crises de senhores de engenho.

Minha mãe me contava que os processos de segregação eram tão nítidos que, de fato, ela não via negros pelas ruas do centro a não serem as mulheres que passavam com latas d'água na cabeça para encherem as caixas d'água das madames das casas grandes, ou com bacias imensas equilibradas também na cabeça a carregarem roupas dos corpos podres dos senhores e de suas madames.

Era uma cena incessantemente cansativa.

Minha mãe veio da cidade grande, de São Paulo, moradora de periferias como o Capão Redondo dos anos de 1970.

Eu me arrepiava quando me dizia isso, ao imaginar o choque de retrocesso pelo qual ela foi tomando ao ter que conviver em uma cidade provinciana de costumes do século XVII.

Ela fora perseguida pelas primas e outras mulheres da cidade que não entendiam sua pele maquiada, ou suas meias até os joelhos e seus vestidos curtos.

Para ela, era tudo sufocante.

A ideia de que fora expulsa da casa dos pais, pelo medo deles de que ela não fosse se casar, além da perseguição de pessoas que estavam acostumadas a apenas viverem a continuidade do vazio de suas decisões já estabelecidas por suas mães ainda mais humildes e sem condições de visão do futuro, torturava sua liberdade.

Futuro era o agora em que estavam vivendo, ao verem um corpo contemporâneo a eles chegando da cidade grande.

O processo de retrocesso de minha mãe foi também notavelmente político, pois ela também passou a ser uma das moças que carregava lata d'água na cabeça para encher caixas d'água, visto que na cidade ela tinha água encanada em casa e no interior somente dez famílias possuíam tal tecnologia.

Era isso que ela me dizia, que era tudo atrasado e de manobras rústicas e cansativas.

Foi viver na casa de uma tia, a qual mencionava com amor, pois ao recebê-la em sua casa diminuiu o sentimento de abandono gerado a partir do momento em que os seus pais a mandaram para o tal interior.

Ela sempre me perguntava se eu achava que ela teria tido uma vida melhor, mais próspera e menos cansativa e humilhante como foi.

Trabalhou em diversas empresas.

A empresa em que mais coloca pesar por ter saído foi de uma fábrica de tecidos, cuja dona era uma estilista que fazia roupas para modelos de passarela. Ela deixou o emprego por ser perseguida pelas colegas de trabalho que a chamavam de feia.

Era sempre esse inferno de perseguição comigo, quando não era chamada de bonita era chamada de feia, mas eu sei que nunca passava.

E fui tomando abuso das pessoas que me viam como se eu fosse soberba, sem saber que tudo aquilo que eu passava para eles era uma forma que havia encontrado de me proteger, sendo fechada e presa em mim.

Mas isso te fez muito mal, mãe.

Sim. Fez-me muito mal. Quando pedi demissão, logo em seguida a dona veio atrás de mim e me ofereceu uma vaga como assistente dela. Mas eu já estava decidida a não mais voltar. A dona me disse, na época, que eu iria trabalhar como aprendiz de corte e costura

para produzir roupas para desfiles de moda. Talvez eu tivesse tomado outro rumo na vida. Talvez.

Mas como ser forte se diante dos outros eu era tida como esquisita?

A grande ave, mãe.

Precisamos nos honrar pelo espírito animalesco que nos deram.

Afinal... Bem, não sei o que posso falar para você compreender que precisamos atravessar todos esses medos.

Coragem, meu filho. Precisamos de coragem para poder viver bem. Mas eu nunca fui alegre.

Eu também não, mãe.

Era difícil estabelecer relações afetivas de confiança com o outro após tantas formas de tentativas de sucumbir com as forças que eu depositava ao sair de casa e me relacionar com o outro, por esse motivo não conseguia me manter firme.

Minha mãe não era autoritária, pois, se fosse, não teria conseguido acompanhar meu processo de assumir minha orientação sexual, visto ter, no município, pessoas que me apontavam como bicho.

Sim, afinal, bichos assustam por isso o nome ‘viado’ em alusão ao veado.

Éramos cercados por pessoas autoritárias que nos vigiavam dia e noite.

Quando íamos ao mercado, na volta, vizinhas bisbilhotavam sobre o que havíamos comprado.

Quando eu era criança, por exemplo, uma das vizinhas pegava a sacola do mercado que eu trazia e a abria para ver o que minha mãe havia mandado comprar. Até o dia em que minha mãe pediu para eu não abrir e dizer que iria lhe contar caso isso acontecesse.

Por causa dessa perseguição, deixei de ingressar na universidade mais cedo, o que poderia ter modificado o curso da nossa vida economicamente.

Uma vizinha muito maldosa e cheia de manipulação diante das pessoas da cidade ficou sabendo que meu pai estava tentando adquirir uma bolsa de estudos para mim. Ao saber,

se prontificou a ir até a casa da família com quem eu iria morar e criou mentiras acerca do meu comportamento, inventou na época coisas horríveis.

Quando minha mãe me contou por que eu não havia ido embora, chorei muito e desejei que ela pagasse por ser tão mesquinha e maldosa.

Essa vizinha era uma pessoa amargurada, fingia alegria, sempre gritando, fazendo alarde pelas ruas e tentando chamar atenção para si.

Era uma espécie de vizinha que nem o cão ambicionava, diante de tanta ignorância e maldade.

Ela sempre se envolvia em confusões relacionadas a distorções feitas contra outras pessoas. Até o dia em que passou por uma vergonha a nível nacional.

Um caso de corrupção foi descoberto na sua família e a envolvia também.

Lembro-me do rosto de contentamento de minha mãe que, para não agir de forma vil e antiética, preferiu não me falar o que de fato eu sabia que, no fundo, ela queria dizer, que era anunciar que existe a lei do retorno, e que em breve tudo estaria resolvido, e que achava bem feito que a vizinha maldosa estivesse pagando por ser o cão em terra.

Minha mãe não ia à igreja, o que era muito bom, pois as pessoas que frequentavam esses lugares tinham a fama de serem fofoqueiras e que só saíam de casa por terem casamentos frustrados e filhos que mais pareciam encarnações do 'coisa ruim'.

Elas eram dignas de pena.

Mas a arrogância dessas pessoas lhes fazia acreditar em superioridade e que teriam lugar privilegiado nos reinos do céu.

Eu pensava no reino dos eunucos, ao invés do reino de Deus.

Gargalhava.

Talvez essas pessoas fossem castradas cognitivamente e por isso pensavam serem escolhidas para representarem o reino lúdico de Deus.

O Deus mais egoísta, individualista e preconceituoso que tínhamos por aqui.

Diante desse Deus apresentado a nós, negávamos veementemente sua interferência em nossas vidas e escolhíamos o bem comum e o amor a todos.

O respeito pelo outro enquanto singularidade.

Era difícil. Mas eu queria muito entender como minha mãe conseguiu alcançar esse lugar de reconhecer o autoritarismo do outro diante de tanto sofrimento vivido por ela e, assim, fui reduzindo meus anos de idas e vindas de terapias, sempre que me sentava no divã imaginário e contava para os terapeutas essas e outras histórias vividas por minha mãe.

Ela era a pessoa mais correta com quem pude conviver, por esse motivo compreendi desde cedo o sentido final das minhas ações.

Minha mãe, assim como todas as mulheres destituídas de liberdade e criatividade, era uma intelectual de mão cheia, pois sabia orientar para o melhor de si, para o não processo narcísico de lidar com o outro, visto que ela não poderia ser essa representação do autoritarismo, tendo passado por toda experiência da colonização de inferiorização dos seus desejos, da sua espiritualidade.

Minha mãe era livre, mesmo estando presa às regras do jogo dos outros.

Ela parou de dividir a mesma cama com um homem, quando percebeu que esse já não era mais amigo competente para estar dividindo seu corpo em estado de vulnerabilidade.

Ela sabia pensar, e eu sabia que ela sabia, pois a ouvia.

Eu e minha mãe íamos para diversos pontos turísticos do município.

Todos ficavam muito perto de casa, pois vivíamos em uma cidade de formação ibérica.

Água, pedreiras, árvores por toda parte.

Lembro-me de um lugar em específico que íamos.

Era uma nascente de água mineral e, lá, o chão de pedra parecia ter sido feito para podermos caminhar e descansar; as árvores formavam tetos de folhas a nos proteger dos raios de sol forte.

Sempre que íamos a esse espaço levávamos um sonzinho de pilha de k7 e ouvíamos uma seleção de canções das belíssimas mães divinas.

Eram canções que entoavam todas as falanges espirituais femininas.

Lembro que ela gostava de dançar ao ouvir as músicas e rodopiava enquanto me olhava com receio de que eu a julgasse.

Era nítido que a nossa experiência de dividirmos tantos infortúnios nos distanciava de qualquer forma de coerção contra o outro.

Éramos livres diante do outro e isso nos fortalecia.

Eu conseguia dançar afeminado sem ser julgado e ela livre dançar sem ser estereotipada.

Mãe e filho precisavam de pessoas de mente sã, espírito livre e amor no coração.

Juntos, preferíamos os irmãos de luta como a gente, a ter que sentarmos nas portas das famílias enfatiotadas e cheias de si, que na verdade não tinham nada, além de aprisionamentos de si mesmos, e queriam se relacionar com o outro para fazerem tal qual quando vamos ler uma peça trágica para rirmos da desgraça do outro.

Feio.

Por anos fui enganado em relação ao meu estar no meio de famílias brancas e herdeiras de terras e de bens materiais.

Nunca estive ao lado delas pelo que tinham, afinal, era fácil saber que o que elas tinham eram delas e eu não poderia obter, nem que eu delirasse na inveja, o que só me faria muito mal e nada potencializaria de positivo em meu corpo e alma.

Era preciso ter atenção para caminhar ao lado de pessoas que detinham privilégios e não sabiam identificá-los de tão inerentes a eles.

No meu caso, o que me restava ao lado delas era dividir meu gosto pelos livros, o que parecia uma contradição histórica, diante da quase impossibilidade que um pobre tem em relação ao fetiche pelos livros.

Mas aconteceu e eu podia usufruir das bibliotecas assim como da caixa de livros que a patroa de minha mãe havia me presenteado.

Era tudo uma questão muito clara e distinta em relação às nossas vivências em um pedaço de terra tão pequena, mas de poder e conscientização elitista visível e contundente.

Não gostávamos dessa gente, na verdade.

Desdenhava delas pelo desespero diante da tentativa de se manterem firmes na ideia de influenciadores de etiquetas, mas tinham todos os espíritos de porco, e acreditavam na fineza dos seus sentidos e estética.

Era melhor fingir contentamento, pois o que eu queria era chamá-los de cafonas.

Mas sei que eles iriam me chamar de invejoso, como quase sempre acontece quando você critica aqueles que têm algo a mais que você, e você, por não corroborar com tanta empáfia e ignorância, enxerga como desnecessária tanta fissura por coisas e posses.

Eu tinha medo delas, pois sabia que eram mesquinhas e podiam pisar em mim a qualquer momento. E foi o que diversas vezes aconteceu.

Minha mãe compartilhava há tempos o medo que ela tinha dessas famílias, mas eu tive que conhecê-las de perto, como curioso que sempre fui.

Ela me contava que o meu pai tinha um cargo de segurança no banco e que as pessoas da época eram tão ignorantes que acreditavam que por estar ali, ele era um bancário, fazendo dele um notável homem da sociedade, até o momento em que passaram a entender o quão subalterno era aquele serviço, isso depois que a televisão chegou para todos no município.

Antes disso, existia apenas uma tv na cidade, que era guardada na praça principal e transmitida sob a guarda da sentinela, que fazia a guarda da televisão como se fosse algum órgão vital seu.

Depois que passaram a saber da profissão desvalorizada que o meu pai exercia entenderam que éramos tão pobres e miseráveis quanto eles.

Mas, até descobrirem, existia a perniciosa tentativa de aproximação.

E, nesse momento, é que compreendi por que minha mãe se excluía de tudo.

Ela já sabia o que significava tal profissão, afinal, havia guardas nas empresas onde ela trabalhou.

Minha mãe sempre teve consciência.

As pessoas a chamavam de ‘a louca’.

E elas eram as pessoas mais idiotas e vazias que poderíamos ter, o azar de estar por perto.

Gostávamos das pessoas que moravam longe, em invasões perto de rios e lagoas. Pessoas que tinham voz mansa, olhar seguro e amor no coração. Elas não queriam nada de nós e, assim, era melhor. Pois queríamos amar.

Minha mãe é de terra, virginiana, o que já parece um problema existencial dado, de profunda relação com o outro, ela vivia a desejar algo que nunca fora possível alcançar. Talvez a tal beleza, ou talvez, não sei.

Ela me dizia que não sabia aproveitar a vida.

Que nunca soube e que esse fato a deixava amedrontada e quase estática diante do mundo. O que ela queria mesmo, penso, era atingir uma alma de excelência, o que me fazia também parar para observá-la enquanto corpo ético, mas era necessário que ela soubesse administrar o próprio tempo que vivera a mais que eu para, assim, compreender que ninguém está dado, concluído.

Enquanto existir corpo existirá atravessamento de ser.

Afinal, consigo pensar a partir dos meus estudos filosóficos que falta ser.

Falta ser por estarmos diariamente sendo atravessados por linguagem e, uma mulher como ela, que não é autoritária e que não se prendeu aos dogmas das instituições capitalistas da fé alheia, não deveria se preocupar em manter-se estática.

Acho que ela não entende que o seu retorno para São Paulo diz mais dos seus desejos do que dos medos.

Ela tem força para romper com os medos e com tudo aquilo que fizeram dela e que ela permitiu que assim ficasse. Fosse um casamento um tanto frustrado, como quase todas as mulheres experienciam de forma silenciada e passional fossem por todas as coerções que os outros aplicaram sobre ela, como forma de boicotar o futuro que havia na sua experiência de vida antes de ir morar em um município incapaz de produzir alegria.

Minha mãe me ensinou um outro objeto de análise política que foi observar o quanto o município em que morávamos era triste, de pessoas miseráveis, pessoas não alegres e não capazes de sair do óbvio ululante, nunca.

Com isso, passei a ter uma introspecção nos anos de curso superior, ao pensar nas introduções ao estudo de ética sobre o quanto uma cidade infeliz dizia dos seus representantes e seus projetos de manutenção de cidadãos apavorados e reacionários, contra cores, movimentos e liberdade.

Políticos que não tinham vergonha de esbanjar suas extorsões e corrupção ao exibirem carros e fazendas para si, carros e apartamentos para seus filhos enquanto iam estudar na cidade e pagavam seus cursos de educação superior com dinheiro público.

E com esses pensamentos minha mãe trazia somente o que era verdade, pois anos depois, em que precisei de ajuda para custear meus estudos em uma instituição de ensino superior, tive como resposta do município a perseguição e distorções de todas as minhas ações.

Viver nesse confronto entre desejo por um devir de cores e linguagens que me possibilitasse salvar minha mãe daquilo que fizeram dela e o eterno retorno de memórias do cárcere em liberdade condicionada pela qual vivíamos.

Encontrar o meio termo para uma transcendência de corpo/alma me pareceu mais artístico do que comum.

E é nesse momento que eu e minha mãe planejamos ir embora para todo sempre daquele município.

Mas ela preferiu adiantar a ida para São Paulo, indo encarar sozinha a que outrora não havia conseguido.

As pessoas nunca nos respeitariam e para sempre seríamos ‘a louca’ e ‘o viado’ com causas coloniais o bastante para vivermos com sangue nos olhos e língua afiada.

Mas tentavam distorcer até o que tivemos de experiência enquanto corpo orgânico, sendo massacrados por uma política que incidia na liberdade dos nossos corpos, fosse pelo poder molar ou molecular.

Minha mãe sempre me dizia que eu não era orgulho coisa nenhuma para ela, pois ela já sabia que eu tinha capacidades para exercer intelectualmente melhor do que todas aquelas pessoas que às vezes me procuravam, justamente por me terem como arcabouço teórico, mas sem nunca me proporcionarem espaço para apresentar as minhas competências.

Ela sempre me encorajava ao dizer que eu podia, e que ela sabia disso, mas que tudo estava fechado por uma perseguição que mais parecia estratégia de algum grupo secreto da ordem dos corruptos de alma.

A vizinha autoritária gozava alto ao saber que estávamos passando por problemas emocionais ou financeiros, e nunca se solidarizava em compreender nosso distanciamento social.

Na verdade, distanciamento social daquela gente famigerada, pois adorávamos ir ao encontro dos nossos.

Os nossos, eram pessoas compatíveis com as nossas precisões de vida.

E por isso íamos colher plantas e folhas sagradas nas casas mais distantes do centro urbano, atravessando brejos, rios e lugares que, confesso às vezes me dava medo, pois na minha cabeça a qualquer momento poderiam nos armar uma emboscada e fazerem algum tipo de denúncia falsa, a fim de nos constranger.

As pessoas do município não queriam aceitar nossa vida discreta e simples.

Sim, não desejávamos a humildade que é sinônima de manutenção política das classes menos favorecidas, mas sim a vida simples, a boa vida simples com leveza e consciência acerca do outro.

O outro que não é igual, mas se assemelha a nós diante de uma política estatal de exceção.

Mas queríamos e tínhamos muito humor e ironia.

Ficávamos em casa encenando as falácias que políticos e secretários do município reproduziam incessantemente sem ao menos terem capacidade de não prestarem atenção na má alma.

Alma que chamo são as atividades psíquicas, ou mais além.

Minha mãe era uma ótima socióloga.

Ela poderia desenvolver um projeto político, científico e se daria muito bem, o que é triste quando eu pensava que ela não teve direcionamento para estudar.

Eu também não tive, nem mesmo por ela, que não acreditava na possibilidade de eu atravessar, sequer, aquele município para ir para outros lugares.

Mas os tempos eram outros.

As oportunidades poucas ou quase nenhuma que o mundo me apresentou, me entreguei ativamente e pude sair ileso das maldades que por vezes me foram apresentadas, direta ou indiretamente.

Eu e minha mãe tínhamos relações psíquicas que convergiam como a nossa procura pelas nossas crianças.

Sempre que conversávamos, buscávamos nesse devir criança o melhor estado para um descanso de paz e harmonia.



Daniel

Minha mãe me contava histórias não tão alegres assim, pois marcada pela pobreza extrema alimentícia, tudo fazia sentido quando eu a via ansiosa, comendo e comendo como se ela nunca tivesse... , -sim, minha mãe, assim como tantas pessoas desse mundo passaram e passam fome, distanciando suas crianças do encanto imagético das luzes criativas que toda percepção de criança pode nos proporcionar-.

Ela me contava sobre dividir copos de café com farinha e óleo com os irmãos, e de ver sua mãe chorando pelos cantos por não ter mais do que aquele escaldado de farinha para alimentar seus filhos.

Mas observo como ela conta isso, ao lembrar-se de como o lúdico permanece vivo em todas as crianças, quando ela se esquecia de toda pobreza ao passar horas no quintal de lama batida, brincando com bonecas ganhadas de uma prima mais sortuda, digamos.

Adorava brincar e dar sentidos artísticos para toda aquela ciência política de pobreza e miserabilidade que sempre acometeu nossa civilização.

Por esse motivo minha mãe trazia para mim sentidos políticos e sérios da vida, mas juntos íamos buscar nossas crianças para nos lembrarmos do quanto é importante usar a criatividade para criar outros espaços menos dolorosos e angustiantes.

Precisávamos dos nossos corpos em estado de saúde e arte.

Essas eram as nossas competências diárias: reviver nossas crianças como força para conduzirmos nossas vidas para o bem viver e para a prosperidade que essa energia física e ancestral nos dava.

Nossas crianças tinham mente sã e era por elas que iríamos vivenciar todas as agruras da vida.

Eu percebia que minha mãe queria me ensinar, em seu inconsciente, o bem que há em agir como os olhos de uma criança diante do outro.

Não há discriminação no olhar doce e amoroso de uma criança, assim como não há competição diante de quem não exerce em seus afetos o ato da competição.

E, por outro lado, corruptos exercem atos corruptos ao lado de quem também aprecia tal ato.

Por isso, por Oxalá, a vida me levou a apreciar o bem como finalidade da minha relação com a minha mãe, e assim iríamos juntos, conseguir um caminho honesto para equilibrarmos nossa felicidade, como nossas conquistas materiais para que todos os instrumentos existenciais e exteriores a nós nos dessem o complemento da busca pela quais todos estão.

Num dia chuvoso, de setembro, mês de aniversário de minha mãe, ela me chamou para irmos a uma festa de *erê*.

Ela chamou de *jarê*.

Mais tarde veio me explicar que era uma definição regional de *xirê*, roda de culto aos orixás, e que tinha tal definição somente no município.

Quando chegamos à casa onde acontecia o *jarê*, fiquei do lado de fora.

Era uma casa pequena, com uma janela e uma porta, teto com telhas de barro e chão batido de cimento grosso.

Diversas pessoas se aglomeravam dentro daquela casa.

Minha mãe entrou para falar com os donos da casa e eu fiquei na janela, a ver todo o processo ritualístico.

Era adulto com vozes de crianças e comportamentos tal qual, comiam doces e bebiam garapas açucaradas, o que me deixava tonto só de olhar e ao mesmo tempo com desejo de comer.

Em determinado momento balas foram arremessadas para todos os lados da casa e algumas foram jogadas para fora dela.

Corri para pegá-las.

Uma mulher incorporada em *erê* me chamou na janela e me ofereceu o “bubu” para chupar, mas foi interrompida pela mãe de santo da casa que pediu para eu entrar.

Era tudo tão assustador e encantador que eu não sabia entender.

Quando minha mãe saiu da casa, eu não fazia ideia onde ela havia se escondido durante o processo do ritual, perguntei-lhe o que significava tudo aquilo.

Ela me disse bem séria que não sabia, e que tinha ido ver uma amiga que morava em outro município e que ela só estaria ali naquela noite.

Fiquei estarecido.

Quando pude saber o que era tudo aquilo, anos depois, pensei no mistério que havia entre alma e corpo.

Fiquei com um forte pressentimento sobre o *jarê* e seus *erês*; e que aquele fenômeno divino estava para todos que estiveram presentes como sendo o resgate de infâncias perdidas, diante de corpos adultos cheios de julgamentos.

Adultos querendo sorrir, comer doces e brincar, infinitamente.

Sem perder os sinais da vida e as percepções que nosso corpo nos une a tudo isso, o resgate da infância naquele momento me trouxe uma continuidade ao meu processo de devir criança, sempre que a vida pragmática exigir plasticidades da comunicação e dos afetos.

Eu precisava resgatar um tonel de lata enferrujada guardado em um quartinho que havia em nossa casa, onde tudo que não precisávamos estava nele, mas que ninguém ousava jogar fora.

Ali tinham as infâncias de todos nós, e eu sempre recorria àquela lata para retirar sonhos guardados, como o de subir em palcos e encenar personagens que eu mesmo escrevia, e que eu sabia que estavam lá, os cadernos, no fundo daquele tonel a desejar que meu compromisso com a criatividade saísse para os palcos.

Quando isso pôde acontecer foi de uma experiência tão emocionante que o texto da peça eu não lembrava, mas a imagem da minha criança atuando sozinha me levou para feéricos sonhos de uma viagem que teve seu sonho realizado no momento em que a coxia foi desvelada por uma cortina de veludo vermelho.

Eu chorava e não conseguia ser profissional, chamando em mente pela minha mãe, pois eu a desejava sentada na primeira fileira a ver seu filho voando longe dos olhos do autoritarismo e tristeza daquele município que ela ainda se encontrava.

Uma cidade triste de líderes políticos autoritários e ruins de alma.

Minha mãe me dizia que ela não conseguia acreditar quando eu mandava registros de algumas ações artísticas minhas, dizendo que era tudo tão distante daquilo que as pessoas da cidade costumavam dizer sobre mim.

E foi nesse momento que a tristeza tomou espaço novamente do distanciamento desses atos autoritários.

Se minha mãe tivesse fugido dos padrões coloniais impostos pela marcação da fisiognomonia (morfofisiológica, anatômica, fenotípica), e compreendido os ensinamentos ancestrais dos povos negros, ela não teria cristalizado o mal-estar que o autoritarismo da negação da alteridade impôs na vida dela.

Teria se comprometido em olhar para si e para o outro como memorização das formas do espírito ancestral.

Infelizmente até mesmo eu só obtivera esse saber muito tarde, já tendo ela adoecido e atravessado momentos de tormenta e compulsórias alienações dos seus desejos, como casar-se por medo de ficar só, e conseqüentemente tornar-se mãe.

Ela me disse que conseguia entender o que eu queria trazer, mas que não conseguia mais se ver sem ser mãe e avó.

Essas representações sociais passaram a ser seu parque de diversão, pois, no fundo, ela sabia do tédio impregnado nisso tudo.

Minha mãe, assim como todas as mulheres não marcadas como brancas e privilegiadas, sempre teve sua intelectualidade subestimada.

O que parecia muito contraditório se pensarmos que babás de mães brancas ensinaram muito mais aos seus filhos do que as propriamente mães biológicas- potência muito mais elevada do que filhos criados sem os signos linguísticos ancestrais.

Lembro-me da babá de uma família moradora de uma das casas grandes.

Ela andava muito mais com as crianças do que a mãe e o pai.

Ela fazia-lhes companhia e dava-lhes ensinamentos básicos de educação do cotidiano.

A moça negra não tinha filhos biológicos, mas carregava em sua intelectualidade afetiva a maternidade que, se duvidasse, não tinha para a senhora branca o mesmo sentido social.

E não acho que a senhora branca devia ter obrigação de fingir natureza mãe, mas cabia a análise acerca do apagamento da ‘maternação’ negra antes mesmo de porem vidas em terra.

Lembro-me do dia em que parei na sala onde minha mãe assistia à televisão.

Passava a entrevista de uma cantora negra chamada Alaíde Costa.

Eu era muito pequeno, mas lembro de que a voz melíflua me hipnotizou, assim como à minha mãe, que sentada de pernas cruzadas e mãos no queixo prestava atenção naquela doçura de artista falando sobre a vida não glamurosa dela.

Num rompante, ouço minha mãe dizer que era um absurdo o apresentador perguntar para a grande diva Alaíde Costa se ela gostava de coisas materiais.

Continuou dizendo que ele não faria a mesma pergunta para uma artista branca.

Óbvio que naquele momento eu nada entendi, mas hoje, lembrando-se desse episódio da nossa convivência, me emociona o caráter ético que venho percebendo como ato importante para a minha mãe.

De certo modo eu sei que minha mãe busca ser tetragonal.

Alcançar a excelência do seu desejo por compreender seu sentimento natural de benevolência, o que a atormentava diariamente por não vislumbrar no outro, e, principalmente no outro político.

Virtude essas que ela transferia para quem estava ao lado dela, arrancando, até mesmo das pessoas maldosas e de caráter duvidoso, elogios acerca da bondade que a rondava.

Ambos tentamos nos matar algumas vezes na vida.

É claro que ela não sabe dessa minha façanha desesperada por pensar que a felicidade só viria com a morte.

Ora, eu não posso pensar que a felicidade seja um ato plausível se eu ainda não alcancei, sequer, a excelência de projetos que possam levar minha alma a sair da sombra de ser visto como tendo tido uma vida desgraçada.

Lembro-me da última vez que minha mãe tentou se matar.



Graciele

Era quarta, perto das oito da noite, e eu estava deitado em um colchão que ficava no chão, pois não havia cama para deitar-me.

Um quartinho que cabia somente um colchão de solteiro e nada mais, além de medos e o desejo de tornar-me alegre.

Se ao menos aqueles padres pudessem estar vivos para que me ajudassem a mudar a vida de minha mãe. Pensava.

Ouçõ minha mãe tossindo e, quando vou ao encontro dela, a vejo na sala, com uma garrafa de álcool nas mãos e uma cartela pela metade de remédios cardíacos.

Ao me ver, ela disse que havia trocado a garrafa de água por álcool.

Mas não havia garrafa de água alguma.

Ela não poderia ter ingerido aquela quantidade de remédios para controlar sua patologia cardíaca.

Eu não soube manifestar em palavras o meu medo, mas também não conseguiria agir efusivamente para negar aquela tentativa.

Eu era suicida, por mais que negasse.

E tinha ideações diárias e por vezes assistia minha morte com muito medo e sem nenhum tesão.

O que me fazia desistir a cada ato e pensar que eu não era suicida.

É claro que no dia seguinte, em nosso café da manhã, eu toquei no assunto.

Perguntei por que ela queria se matar.

Ela ficou tão chocada que engoliu metade da xícara de café sem açúcar- como costumava tomar por conta do diabetes, quente e esfumaçando, que mais parecia ter arrancado todos os órgãos que foram sendo tocados por aquele líquido preto a tapear sua performance de fuga-.

Eu quis xingá-la, mas preferi me conter e pensar que poderia contar para ela sobre as tentativas de suicídio que eu cometera.

Não houve condições de falarmos sobre a morte, e preferimos o silêncio ao invés de fingirmos possibilidade de elaboração acerca dos nossos atos.

A morte por suicídio não é orgânica, meu filho, mas é política, pois o que eu sinto não é insatisfação com a minha existência, mas com as maldades que acometem homens e mulheres e os tornam ruins.

Tenho medo de pessoas ruins.

Ao ouvir, consenti e não precisei falar que eu era também um sujeito preocupado com o rumo da nossa civilização diante da ciência política aplicada desde sempre como dispositivo de ódio, autoritarismo e perversão dos afetos.

Mas, o que poderíamos fazer agora?

Quanto mais próximos de descobrirmos nossos infortúnios, mais amedrontados ficávamos ao imaginar tantas pessoas ruins a nos esperar da porta para fora da nossa casa.

Havia um comboio de pessoas ruins treinando para nos fazer mal.

Não era somente eu e minha mãe que estavam a perseguir e tentar o mal. Eram tantas as pessoas que sofriam por não aceitarem as mentiras e os atos corruptos daquela gente vil, mas era sobre nós dois que a nossa casa precisava, pois era nosso único espaço de administração, e que nos dava autonomia.

Tínhamos pouco contato com as pessoas do município, e éramos muito pouco visitados.

Mas há uma visita que não poderei nunca esquecer.

No dia do velório do meu pai, a casa estava cheia, o que era tão incomum que fui ficar deitado no colchão, no chão do quarto.

Ora entrava algum curioso no quarto e me dava abraços que sequer pensei um dia tê-los, e eram desagradáveis e fúnebres; ora choros muito altos como se tivessem tentando ressuscitar o morto, e o gozado era que não se tratava de choro de ninguém da minha casa, mas de estranhos que queriam ir com o morto.

Era insuportável o cheiro dos chás fúnebres, dos biscoitos fúnebres, das velas fúnebres, das orações fúnebres e de um terrível e traumatizante som, que anunciava para a cidade, o local e data do sepultamento do morto.

Era tão constrangedor que eu não queria estar vivenciando aquilo, de jeito nenhum, e desejei que no meu velório não tivesse esse momento constrangedor.

Minha mãe ficava sentada, muito mal e com cara de quem estava prestes a deitar no caixão com o morto.

As pessoas ao redor dela não ajudavam a melhorar o seu estado fúnebre, fazendo perguntas sobre como o morto havia ido parar ali, naquele objeto que finda com qualquer possibilidade de qualquer coisa.

Do quarto, eu ficava choramingando como quem tivesse medo daquela primeira lotação na nossa casa.

Quando chegou o momento do carro da funerária levar o corpo para o cemitério, esperei que todos saíssem da sala para que pudesse ir atrás no comboio, sem ser visto.

O gozado era que quase ninguém perguntava por mim, o que me levava a pensar que talvez eu fosse uma grande decepção para meu pai e que ele supostamente desabafara com alguém.

Depois que o carro da funerária tomou uma distância de uns 10 metros da casa, descii os degraus da porta para seguir, mas algo me segurou na porta, e não me deixou ir.

Comecei a chorar como se estivesse sendo machucado.

Existia uma dor que não estava me fazendo bem. Mas, de qualquer modo, não era esse o motivo que me fazia estar ali, parado na porta, pensando em outra coisa.

Essa coisa a pensar era como eu poderia despachar o espírito do morto daquela casa para que ele não fizesse morada, atrapalhando quem ali iria ficar.

Quando eu volto para a cozinha para beber água, encontro uma senhora que vinha não sei de onde da casa e me pergunta se eu era feito de santo.

Eu estava com uma conta de Oxalá no pescoço e outra de Oxóssi.

Respondo que não, e que estava me iniciando naquela religiosidade e precisava de mais tempo para encarar o processo de nascimento nesse sentido ancestral/ transcendental.

Ela me conta que era mãe de santo e que a gente ia fazer uma limpeza com banho de folhas sagradas na casa, para despachar o espírito que ali estava.

Fiquei sentado na escada da cozinha, enquanto ela saiu para ir buscar essas folhas no rio que passava ao lado da minha casa.

Quando ela retornou com as folhas, fomos preparar o banho e os panos para passarmos por toda a casa.

De repente, ouço um som de uma voz estranha à da senhora que estava comigo na casa e, ao me virar em direção a ela, não havia mais a senhora, mas sim do Orixá *Oxaguian*, que havia descido e queria me dar um recado importante.

Pedi a benção ao orixá e me pus de joelhos no chão, em respeito.

Ouvi o que tinha que ouvir e antes que pudesse perguntar algo, a senhora tomou sua consciência e fomos falar sobre o ocorrido.

Ela pediu para que me preparasse para o que teria que enfrentar a partir daquele momento. Mas não dei ouvidos a ela.

Dois anos depois fui entender o que seria o conselho ignorado.

Iria revê-la para ganhar um pedaço de pemba branca e um maravilhoso papo sobre ancestralidade, inveja e olho grande.

Nesse encontro, minha mãe já havia retornado de São Paulo, e era curioso como ela ainda não havia perdido o medo de ser encarada por desconhecidos.

Minha mãe era medrosa demais para encarar o nosso papo sobre orixás e tudo mais.

Mas ela não esperava que para além do papo, o orixá desceria em terra para nos sacudir e nos mostrar o que estávamos deixando de fazer para termos proteção e prosperidade.

Uma forte pomba gira cigana desceu.

Logo pediu bebida e cigarros.

Não tínhamos nem um nem outro.

Corri ao mercadinho onde comprávamos fiado e peguei a bebida, quanto ao cigarro consegui na rua mesmo, o que parecia um bom sinal.

Quando me aproximava de casa escutei a linda risada que cigana dava, e eu imaginava que minha mãe devia estar no chão de tanto medo da entidade.

Ao chegar, a cigana foi logo dizendo que adorava ‘esse daí’, no caso, eu, e disse que eu sempre a servia.

Confesso que fui ficando incomodado ao pensar que ela iria revelar o que minha mãe não podia ouvir acerca do meu envolvimento em ato na religiosidade candomblecista. Mas não teve jeito. E todos os segredos possíveis foram soltos ali, em plena sala e num dia de sol que mais parecia um daqueles quadros terríveis de artistas cafonas que tentam reproduzir a natureza dada.

Mas era um dia bonito.

Quando a Cigana quis ir embora e me deixar mais humilhado do que quem é pego em algum flagrante não esperado, enrolei minha mãe até despistar o máximo possível. Mas não tive força maior contra a curiosidade dela.

A casa fedia a cigarro e champanhe cidra.

Minha mãe tinha cara de maluca e eu cara de quem aprontava às escondidas.

No momento em que saí para comprar a bebida, minha mãe perguntou para a entidade justamente sobre meu envolvimento com o candomblé. Foi respondido que eu era um feiticeiro dos grandes, mas que não cuidava do que me fora dado.

Eu vi, naquele momento, que minha mãe se interessou e pensou que eu pudesse ser “grande coisa”.

A Cigana só quis dizer que eu praticava e frequentava as obrigações. Nada além.

Talvez tivéssemos que entender que não éramos bem vindos aos lugares em que pessoas estavam pelo poder e pela competição, pois todas as vezes que ouviam o que tínhamos a falar sobre política e projetos nos deixavam a ver navios, por não gostarem das premissas que priorizassem o povo, o bem, a felicidade.

Parecia que estávamos ferindo o que de fato eles queriam: PODER.

Queriam o poder pela ressonância de importância que essa imagem causava neles.

O mais absurdo era ter que assisti-los nos ironizando e nos apontando como ‘a louca’ e ‘o viado’.

Meu filho, você não pode mais pensar na justiça se quer trabalhar e ter suas coisas, as pessoas estão de olho em você e não darão a chance de mostrar o seu potencial, enquanto elas sentirem que o seu discurso as ameaça. Pare de tentar fazer justiça por todos.

Como era estranho saber que minha mãe estava convencida de que eu precisava não mais encarar as pessoas como se elas não precisassem rever suas perspectivas.

O dia em que ‘a louca atacou’, foi um ato heroico contra toda agressividade que vínhamos sofrendo por parte dos agentes da prefeitura do município.

Eles nos negavam todos os direitos enquanto cidadãos e, no meu caso, como profissional.

Tinham medo do que eu poderia causar ao vivenciar as manobras corruptas e mentirosas que costumavam ter com a população como um todo.

Eu não era ninguém para eles.

Eu era suficientemente revoltado com os serviços de saúde, educação e cultura que mal forneciam, causando-lhes desconforto, uma vez que sabiam que eu iria, a qualquer custo, apresentar projetos e mobilizações para mudar a estagnação e o não aproveitamento dos recursos.

Minha mãe teve um surto em plena praça pública do município, ao presenciar secretários da prefeitura falando que eu deveria ir embora, pois ali não tinha como atuar, e o que eu queria era causar intrigas entre eles e a população.

Eles preservavam todo ato e pensamento corrupto.

Contaram que minha mãe flagrou o discurso ao estar em uma barraca da feira comprando algumas verduras.

Ela estava de costas e por isso não perceberam a infeliz coincidência.

Ela se virou e disse que eu tinha competência para estar trabalhando para o município, porque diferente deles eu não tinha histórico de puxa-saquismo ou venda de alma para conseguir nada, que eu havia saído do município para estudar na cidade grande sem a ajuda de ninguém.

Lá consegui alcançar capacidades cognitivas que eles, durante anos à frente das secretarias não havia conseguido, que diferente deles que gostavam de dinheiro, eu queria poder contribuir de forma humana com vidas que iguais à minha não tinham possibilidades de outras visões que não fosse o que apresentaram durante os anos em que morei ali, perdendo tudo o que o mundo tinha a me mostrar, e que eu poderia levar alegria e agir para o bem com o outro.

Em estado de nervos alterado, minha mãe foi parada por uma mulher.

Era funcionária da prefeitura, que lhe dissera que eu era livre demais para estar entre eles e que isso poderia comprometer a autoridade e o decoro que eles exerciam.

Ela só não esperava que minha mãe se lembrasse de uma situação nada legal acerca da índole daquela funcionária.

Contando o que ela, outrora, havia feito para atrapalhar minha formação na universidade, se viu perplexa por um fato que havia mais de cinco anos e que, como todo bom autoritário, batia e esquecia, mas não acontecia o mesmo com quem levava as pedradas e humilhações.

Tentaram me ligar, mas eu nunca atendia a telefonemas de quem eu não conhecesse o número ou de quem eu não estivesse esperando.

Assim, tentaram acalmar minha mãe prometendo abrirem escuta para mim, e que eles sentiam muito por haver históricos de perseguições e distorções de funcionários contra mim.

Eu queria ter derrubado todos eles com meu ódio e angústia, meu filho, mas a sorte deles é que eu fiquei envergonhada pelos feirantes que nada entendiam e que acabaram perdendo seus clientes que, assustados, foram se distanciando das barracas e fecharam um círculo ao meu redor e ao redor daqueles carnicheiros.

Vamos vender essa casa e vamos embora.

Mas para onde e para fazermos o quê, mãe?

Perguntava-me, com muito medo do que nossos traumas podiam causar, ainda mais, de dificuldades para nossas necessidades.

Minha mãe foi colocar algumas batatas doces no fogo e ligou a televisão para ouvir qualquer coisa que pudesse tirar o silêncio angustiante que tomou o ambiente.

A gente adorava o silêncio.

Era um ritual nosso permanecermos em silêncio sempre que não tínhamos, de fato, algo para comunicar.

Tínhamos, também, pavor de pessoas que iam a nossa casa para levarem conversas aleatórias como se tivéssemos em uma festa com muitos bêbados fingindo importância.

Estávamos a fim de findarmos as injustiças que acometiam a população e que nos faziam oscilar entre a excelência de um caminho louvável e de bem comum a todos.

Minha procura por excelência se dava para a intelectualidade.

As pessoas me perseguiam e não entendiam porque eu estava ao lado de minha mãe.

Era para resgatar, juntos, o que o tempo não permitiu enquanto éramos amedrontados pela ideia de estarmos unidos.

Precisei de tempo para amadurecer minha procura pelo conhecimento, pois não queria viver distante do que o saber ancestral podia me ensinar, pois não havia sido apresentado na universidade e me causara, em alguns momentos, confusão no que tange entender minha permanência naquele espaço.

Mas tinha em minha criança a busca por aquela excelência e a ela eu devia todo meu processo de amor à minha mãe.

Eu amava minha mãe enquanto eu era criança, então eu precisava resgatar aquela criança para me ensinar algo.

Não fora sempre assim.

Antes de conseguir compreender o corpo enquanto alteridade, construção história, cultural, moral e ética, julgaram e me distanciei como proteção, mas na verdade era ignorância e processos coloniais de criar incompreensões de comunicações entre os nossos. Nossos familiares.

Não a vida desgraçada material, mas a existencial.

Diversas vezes tentei me matar e tinha a imagem dela como a minha salvadora, o que era contraditório e delirante para as minhas questões de jovem rebelde leitor de filosofias diversas.

Minha mãe me chamava a atenção sobre os políticos, seus filhos e os secretários da prefeitura em relação a mim.

Era algo que encontrei diversas vezes na filosofia, que era o fato de eu ter buscado potencialidades anos após anos. Fossem as horas a fio na biblioteca municipal, que detinha um acervo riquíssimo- e fora se perdendo aos poucos-, diferente de toda aquela gente prepotente que fora arremessada, desde cedo, nas atividades administrativas da cidade, construindo megalomanias sobre quem eles eram, adoecendo aos poucos e tornando-se burocratas sem beira nem eira.

Meu processo foi o contrário.

Precisei descobrir e pesquisar.

Passei a entender sobre justiça social e direitos humanos, o quanto eram falhos para com pessoas como as de nossa família, que não tinham espaço para sobreviver.

Das mortes ensaiadas por causa de uma sociedade injusta e perversa.

Minha primeira aula de ética:

Debrucei-me na carteira e fiquei pensando em minha mãe.

Era aquilo que a intelectual mãe havia me dito, e eu, sem compreender o saber das populações fora das instituições, ignorei.

Por isso minha mãe e eu nos tornamos inimigos das intenções dos legisladores, por eles não exercerem o bem e terem como objetivo apenas o enriquecimento, o que era ensurdecedor para um município menor do que alguns bairros das cidades.

Outro dia barulhento em nossas vidas foi a nossa ida à câmara legislativa.

Quando chegamos, um segurança com cara de quem havia sido treinado por idiotas incompetentes e autoritários nos perguntou o que estávamos fazendo ali.

Tudo bem que era nossa primeira visita juntos àquele espaço de faz de conta. No entanto aquela era a casa do cidadão para assistir aos vergonhosos projetos que nunca eram executados.

Os vereadores mais pareciam ‘marcha, soldado, cabeça de papel, quem não marchar direito vai preso no quartel’.

O fogo quem colocou foi a gente, quando respondi que não tinha nada para fazer ali, além de fazer o mesmo que ele supostamente estava a fazer: nada.

Ele franziu o cenho e me olhou como quem quisesse dizer que eu estava sem condições de exercer o que quer que fosse.

Eu adorava ser irônico com a minha própria imagem e sempre performava um sujeito “anormal”, para ser visto como um bicho. E, como todo selvagem bicho, assustava a cognição dos “normais”.

Minha mãe sempre queria exercer uma cordialidade a quem muito invejava. Quando eu tinha que lidar com pessoas idiotas e autoritárias, entregava o sarcasmo ou o meu silêncio esteticamente ensaiado desde criança.

Não tive como não resgatar naquele momento minha criança.

Como não tive jeito de não resgatar a imagem do segurança como sendo um gendarme do rei, que poderia a qualquer momento pedir a cabeça dele.

Foi por isso que decidi entrar logo, para não causar problemas para o Guarda, cabeça oca.

Sentamo-nos e foi dado o início da sessão plenária.

Nada foi apresentado.

Houve discórdia entre os homens de ‘poderzinho’ que ali estavam, e eu, com muito medo, chamei minha mãe para sairmos dali e desaparecemos, ou juro que jogaria um coquetel molotov.

Pensei em minha mãe tendo atos anárquicos ao compreender que nada seria feito relacionado ao nosso objetivo de estarmos ali.

Queríamos apresentar um projeto cultural e artístico.

De estarmos juntos para nos tornarmos moderados e amáveis, temiam que pudéssemos nos tornar inimigos reais dos políticos e termos nossas cabeças caçadas ao invés de fazermos a proposta.

A proposta.

Sabíamos que não iríamos encontrar outro sentido ali que não fosse o de pessoas enfurecidas conosco, como aquela nossa vizinha autoritária e cruel, que tinha raiva da nossa união e mais ainda por eu ter tido tempo para potencializar minha criatividade e me tornar capaz de entender a alteridade da minha mãe, que de tão desprovida de estudos poderia ferir meu ego de corpo institucionalizado, se eu não tivesse respeito por aquilo que a ancestralidade não permitia que o autoritarismo branco engendrasse em nós.

A discriminação e violência contra todo tipo de alteridade era um ideal racista.

Dávamos-vos as mãos e sabíamos que podíamos ir muito além com as nossas crianças, que nos ensinam desde cedo que o hábito de tornarmos bons e amáveis nos traz liberdade. Então, ao invés de julgarmos as pessoas iríamos agir com razão e emoção para ensaiarmos em nossos corpos os espíritos sãos que nosso corpo-alma tinha a nos ensinar sobre as nossas condutas.

Que os reis não amavam a verdade, já sabíamos.

Eles desprezavam aqueles que se dispusessem a ensiná-los a não serem cretinos a nível de perpetuarem injustiças e perseguições sociais.

Era experiência nova esse comportamento nosso, e devia fazer

parte da continuidade que agora alguns políticos exerciam como forma de mostrar para os cidadãos que tinham virtudes, para diminuírem com o pessimismo que assolava a todos.

Eles não se importavam com as lágrimas que desciam dos olhos tristes das mães que choravam de fome e por terem seus filhos também na fome.

Minha mãe sempre rezava repetidamente quando ficávamos sabendo de jovens que estavam sendo assassinados por terem ido buscar no mundo do crime possibilidades de existirem atuando no poder que lhes cabia.

Era uma guerra incessante de corpos e estatísticas alimentando o Estado e o município, como forma de punir os outros jovens que viessem a querer experimentar a adrenalina do poder das guerrilhas do crime.

Minha mãe rezava como forma de enviar energias de solidariedade às famílias que perdiam seus jovens.

Eu tinha sempre o mesmo posicionamento que era me sentar à porta de casa, a esperar a vizinha autoritária e perversa, para tecer seus argumentos racistas e burros acerca dos jovens.

Era insuportável ter que diariamente lidar com pessoas visivelmente cheias de ódio.

Se auto declaravam preocupadas com “o futuro dos jovens e a segurança da cidade”. Hipócritas!

Isso quando eu não ouvia de um professor branco, pertencente a uma família burguesa, que o que deveria acontecer era a morte de mais da metade da população do município, como forma de levar a sonhada paz de hippie de boutique que ele imprimia nas gentes que compravam seu produto souvenir para ouvidos burros e idiotas.

Ele queria aplicar uma higienização? Seria isso?

Negros mortos para resolver um problema sistêmico tão bem estruturado? E como é que eu e minha mãe não iríamos ter medo dessas gentes que influenciavam o município com as suas vozes de fascistas do dia a dia?

Minha mãe foi me ensinando, aos poucos, a parar para ouvir o que aquelas pessoas traziam em seus discursos cheio de ódio e soberba.

Eu realmente não sabia e até pensei alguma vezes que minha mãe fosse de fato ‘a louca’.

Mas ela não era quem jogava a pedra e escondia a mão, ou quem era esperta ao contrário.

Ela de fato se trancava em casa.



Daniel

Assim como eu comecei a fazer depois, por medo daquelas pessoas que representavam o que de mais cruel existia no olhar e nas intenções do outro para o outro.

Minha sorte maior, e talvez única, era que para sairmos da rua onde morávamos, tinha que pedir agô na encruzilhada. Ufa.

Diariamente eu pedia para o guardião Exu guardar a mim e à minha família, pois ele sabia do medo que eu e minha mãe tínhamos daquela gente.

Como tínhamos medo.

Um dia, ao irmos ao mercado, notei que minha mãe se escondia atrás de mim.

Por eu saber exatamente do que se tratava, que era aproveitar meus quase dois metros de altura para me usar de escudo, parei enquanto andávamos em fluxo contínuo. Ela quase se choca em meu corpo.

Abri uma espécie de voz que até eu fiquei com raiva de mim depois, mas que naquele momento era a única forma de alertá-la sobre o péssimo comportamento de coerção ao qual ela estava se submetendo por medo dos outros.

Outro, aqui, poderia ser usado para nomear espécie única de sujeito maldoso, autoritário e tudo de ruim.

Eu sabia que pensar em alteridade incluía a hermenêutica do outro.

Então, para minha mãe não se confundir, eu era bastante didático com ela. E ser didático me parecia um almofadinha neurastênico bufão.

O sagrado nos chamava.

O primeiro banho de ervas sagradas que minha mãe se permitiu tomar, aconteceu em um dos dias quando tive certeza de que agir com bondade e para o bem era ato intencional de potência maior de excelência transcendental.

Eram tantos os ventos que entravam pela nossa casa ao nosso encontro, que eu tive a certeza de que estávamos sendo visitados por Oyá.

Cabeça, corpo e alma, mãe, que se toma esse banho.

É para findar com essa perseguição espiritual e essas injustiças que nos acometem há tanto tempo, e depois iremos defumar a casa com ervas específicas para tirar tanta negatividade.

Eu percebi que minha mãe chorava depois do banho, e quis deixar que ela dissesse o que se passava, mas ela só quis mesmo se sentar à mesa para tomarmos nosso café com inhame e batata doce, além do café sem açúcar que já era de costume.

Eu gostava de colocar mel.

Não fazíamos nada para chamar a atenção dos outros, era como se de fato tivéssemos consciência de que estávamos nos unindo fortemente com nossa ancestralidade a fim de aceitarmos todas as curas possíveis que nossas almas precisavam.

Depois do nosso café resolvemos ir à serra atrás de plantas que pudessem proteger a casa contra energias ruins e, conseqüentemente, nos proteger.

Nesse momento, a imagem da vizinha fascista pairou sobre meus olhos e meu corpo se arrepiou todo. Seria o que chamávamos de aláfia no candomblé, uma espécie de confirmação acerca daquilo que você procurava. Tínhamos respostas porque havia verdade, e há verdade.

Verdade é justiça e vice-versa.

Fomos à serra.

Para chegar até lá, passávamos por outras tantas casas e ruas que também nos deixavam sem jeito, diante do que já sabíamos que iriam comentar ao verem a gente com plantas específicas.

Mas eu já estava em um nível de transcendência em relação ao que poderiam achar da minha busca pela cura e sabedoria ancestral, que me tornava imponente só para minha mãe se sentir segura e de repente até pudesse ficar atrás de mim, à procura de escudo.

Era preciso encantar as plantas e recorri a uma amiga de infância que, juntos, dividimos boa parte de todo aquele mal estar acerca da nossa alteridade e vivência.

Ela era filha de Oyá, e sabia exatamente um ponto de encantamento das folhas e logo me pus a fazer, com muita fé de que todos esses conhecimentos e saberes juntos fariam eu me tornar potência em ato.

Nossa casa passou a ter uma outra energia e perspectiva de estarmos ali.

Existia algo de fixo nela que nos mantinha confortáveis e seguros, até mesmo quando alguém supostamente pernicioso prendia o olhar dentro de nossa casa.

Havia um homem muito cruel que antes de eu chegar na casa de minha mãe a assustava com gritos e barulhos no telhado da nossa casa.

Ele queria que ela saísse da casa ou que realmente ficasse muito mal.

Cadê que não respeitam a viúva como está escrito na bíblia?

Debochava minha mãe acerca da hipocrisia daquelas pessoas que se diziam católica e que choravam quando imagens de santos passavam pela nossa rua em procissão de fé.

Ríamos.

Por que aquelas pessoas tinham tanto incômodo com as nossas existências naquele lugar se já havíamos acatado o que eles nos obrigaram a fazer; que foi não pertencermos à tal sociedade dos cafonas “normais”?

Vivíamos somente com os “anormais” e humilhados.

Chamávamos os “anormais” de mente sã, por não quererem pertencer àquele clube demasiadamente humano de moral de rebanho e espírito de porco.

Queriam culpar minha mãe até pela morte do meu pai, atribuindo as honrarias por ele ter sido ativo nas funções da igreja à vizinha fascista que nos intimidava com olhares e gritos tão enjoados quanto o falso amor pelo morto.

Eles queriam piedade e a gente enxergava teatro do horror, o qual sangue, gritos e gemidos ecoavam por toda cidade a dizer que havia uma herança maldita, que tombavam de vez em quando famílias que outrora foram tidas e vistas como emergentes.

Muitas pessoas de fato enlouqueceram ou perderam as riquezas que detinham. Contam que isso era vivido por conta de uma maldição do derramamento de sangue dos índios, que como canta o hino da cidade foram os primeiros habitantes e o nome da cidade vem da linguagem tupi guarani.

Mas para onde foram parar aqueles índios, se nem rastro deles eu via?

Coronéis, meu filho. Não percebe que o nome da rua tem esse nome? O que você acha que fizeram com os índios?

Entrei em uma crise profunda acerca disso e não tinha com quem eu pudesse conversar, pois quem poderia contar com todo saber acerca daquela dizimação, havia morrido.

Era uma mulher, socióloga, que revolucionou a cidade nos anos de 1950.

Meu filho, ela foi uma mulher à frente do seu tempo, desobedecendo às regras que imputavam para as mulheres chamadas de família, como não poder passar pela rua onde concentrava a maior população negra da cidade, porque era lugar de prostíbulos e de muitas rameiras. Um lugar marcado para não existir, mas que resistia e hoje não repetem mais o preconceito geográfico.

Rameira, mãe?

Sim, menino. Eram as mulheres que se vendiam sexualmente para os homens ricos da cidade.

Entendi.

E o que aconteceu com a socióloga? *Ela viveu por anos fazendo pesquisas nesses ambientes, até que passaram a vê-la com menos preconceitos.*

Mas eu mesma tinha pavor de ir lá.

Minha tia desconfiada de que eu não era mais virgem e de que eu estava grávida, mandou me fazer um vestido de noiva rosa, o que me deixou confusa, além da humilhação que algumas pessoas da cidade me fizeram passar ao perguntar de quantos meses eu já estava.

Mas eu não estava grávida e não era da conta de ninguém se eu já estava transando.

Que horror, mãe, esse desespero diante do próprio corpo e toda forma de controle.

Pois é, ainda bem que as coisas estão mudando, apesar de toda hora aparecer na televisão que pessoas morrem por serem mulheres, por serem negras, por serem viados.

Que orgulho que eu tinha da liberdade psíquica que a minha mãe trazia, tendo vivido uma vida tão cheia de castração e traumas.

Parece que nem a força do hábito moral lhe fez tornar-se autoritária.

Diferente da vizinha, que parecia não ter vivido nada do que podemos chamar de traumas em relação à sua liberdade.

Ela gostava de tomar conta da vida dos outros a um nível tão abusivo que, de vez em quando, a natureza a fazia experienciar o retorno daquilo que ela apontava no outro como sendo ruim.

Ainda assim, ela se postava nas portas e ruas como se fosse uma espécie de virtude humana, o protótipo do que podemos chamar de potência positiva.

Ora, quanto abuso minha mãe me fez passar a ter daquela vizinha, depois que descobri, com ela, como compreender a repetição de gestos inconvenientes.

Minha mãe dizia que ela não devia ter uma cuca sã.

Não era sã.

Eu, então, queria conviver com espíritos sãos, se isso significar liberdade, bondade, amor e generosidade.

São. Eu sou são da cuca e o mundo precisa de legisladores sãos.

Eu não queria legislar nada, apenas o meu corpo.

Era um esforço colossal viver como tínhamos vivido nesses meus 22 anos de vida e nos 70 de minha mãe.

Sabíamos que havia um dispositivo senso comum usado contra nós para nos diminuir e nos tornarmos ninguém, sempre que tentássemos uma luz no fim de todos os túneis pelos quais passamos, derramando lágrimas negras e sangue de negro.

O descaso era o dispositivo que nos preenchia, diariamente, de cólera.

O descaso.

Eu filho já estava tomado pela cólera de minha mãe, e temia que eu não saísse mais daquele lugar em que a vi tornar-se um devir sucupira.

Às vezes eu acordava e me sentia tão doente que era impossível querer sair daquele chão úmido e ir para a vida.

Não era possível encontrarmos vidas naquele chão úmido que de tão oco se fazia morada para ratazanas passearem com seus filhotes, a desejar que uma rachadura fosse aberta e, assim, pudesse roer meu corpo colérico cheio de mágoas.

Como tudo o que acontecia em nossas vidas, os ratos debaixo do chão nos mostravam que havia vida ali, ainda que nos escombros de uma casa amaldiçoada pelas mãos hipócritas daquela gente que nos dera uma casa, mas que tirara a felicidade de viver que o meu pai poderia ter tomado, caso não tivesse crescido amedrontado pela sujeira da culpa cristã que os padres haviam engendrado na mente de criança dele.

Era angustiante ter consciência do que estavam conseguindo fazer com todos nós daqui de casa.

Eram cidadãos que chegavam a envergonhar o que chamamos de senso comum.

Eu e minha mãe éramos senso comum a procura de uma saída desse lugar.

Mas parecia mesmo que aquela gente virada no cão, não sabia era sobre alteridade.

Para essa gente adoradora de especismo humano, só respondia a tal classe colonial os que pudessem dar continuidade ao que eles já vinha há anos fazendo, que era serem corruptas e não amarem o sagrado que há na alteridade.

Antes eu jurava que se tratava de perseguição.

Mas não éramos ninguém para sermos perseguidos.

Eu e minha mãe alcançamos o dispositivo de coerção daquela gente vazia de qualquer sentido ético, corrompidos por tanto desejo de poderzinho que os tornavam corruptos desde um olhar direcionado ao outro à forma de como eles lidavam com a potência que eles sabiam que eu tinha.

Se eu pudesse escrever tudo isso que me acomete e acomete à minha mãe, talvez a vida fosse tomando outros sopros menos dolorosos do que aqueles pelos quais estávamos atravessando.

Minha mãe me contou, enquanto limpava o chão repetidamente como quem tivesse tentando desviar a agonia da vida para um fenômeno sem importância, que eu havia sido indicado para uma vaga de emprego, mas que a vizinha e outras pessoas da cidade que mantinham suas heranças de coronel, boicotaram minha chance de conseguir dignidade.

Já conseguíamos falar sobre o que nos acontecia na ordem em que se sucediam os acontecimentos.

Choramos de raiva.

Mãe e filho coléricos desejaram protestar em nome não somente de nós dois, mas de todas as outras pessoas do município que eram tratadas como trapos velhos que não mereciam dignidade.

Como àquela jovem lésbica expulsa de casa e do trabalho.

Sucumbida por ter potencializado o amor que duas mulheres podem ter ao anunciarem que se amam.

Sim, eu sabia que as pessoas da cidade mantinham uma incoerência.

A mãe dessa moça lésbica havia assumido no passado, a gestão da prefeitura e se envolvido em atos corruptos contra os cofres públicos.

O que me causava antipatia ainda maior da moral que ela queria estabelecer ao não concordar que a filha pudesse ser livre e não tornar banquete nas mãos de qualquer garoto doutrinado a ser espectro de coronel.

Rolavam comentários de que ela havia reprimido sua sexualidade quando jovem, e se casou com um rapaz para não “sujar” a honra da sua família, composta por advogados corruptos que tomavam casas de clientes pobres que se endividavam com os serviços do dito cujo e não podiam pagar.

Além de casos macabros de assassinatos que rondavam aquela família, mas que assim como todos os casos que envolvem pessoas de poderzinho ou de poder macro no Brasil, fora sendo esquecido durante o tempo, afinal, me dizia minha mãe:

Brasileiro não tem memória, tudo é esquecido por aqui, tudo é tratado com descaso.

Seja meninos pobres sendo executados pela polícia militar, seja uma mulher negra arrastada por um camburão também da política.

Eu sempre tive muito medo quando você saía de casa, fosse para viajar para outros lugares fosse para ficar por aqui mesmo.

Os anos em que você passou morando em outras cidades foram anos de muita reza e medo.

Você negro e gay, não se vestindo da moral incontinente que visam.

Para quem precisa fazer das tripas, coração.

Aqui, meu filho, é terra que filho chora e a mãe não vê, por isso eu creio que é necessário que mulheres venham assumir todos os poderes e reestabelecer o amor, o cuidado de si e para com o outro.

Esse sistema branco colonizador não conseguiu fazer.

Para o homem branco colonizador nada poder sagrado, meu filho, por esse motivo eles matam tudo e todos que não se assemelham ao que eles querem, sem amor e sem cuidado, fazer.

Tudo pelo dinheiro, assim era e é.

Como aquela gente que você considerava amiga e que você não aceitava minhas críticas.

O que querem é cristalizar a arrogância de herdeiros de terras, de memórias de morte dos empregados que adoeciam de tanto trabalhar, das mulheres abandonadas pelos estupros que os homens cometiam, e tinham que ir trabalhar em suas casas e saíam de lá com essa dívida eterna, que era silenciarem suas dores para não porem fim ao casamento de fachada entre seus patrões assassinos e covardes.

Você não me dava ouvidos, me julgando traumatizada demais para uma mulher que fora infeliz a vida inteira pelo o que fizeram comigo e que eu ainda não consegui desvencilhar.

Eles queriam manter você como o bobo da corte, o inteligente que os contavam histórias literárias e os recitava poemas.

Além de fazer companhia para seus filhos preguiçosos e burros, com crises de herdeiros de coronéis que precisavam de um pobre ao lado para aumentar a fé de rato que eles tinham no dinheiro e no processo de silenciar e apagar o outro.

Esse pensamento de minha mãe fora o mais contundente para que eu me sentisse tão mal que não saísse por dias do pensamento acerca daquela família.

Tratava-se exatamente de uma família com todo ranço colonial possível.

Cresci nas inúmeras casas que essas famílias detinham por vias coronelísticas, ao acompanhar meu pai que ia até elas para prestar serviços de todos os tipos.

Mas o que mais me lembro era do cargo de chofer.

Ele os carregava para todos os lugares.

Eu ficava sempre no chão.

Essa é a minha memória. Além dos olhos das crianças perversas que tinham na casa e que eram ensinadas a maltratarem os empregados e a disputarem com outras crianças que não tinham o que eles tinham.

Eles tinham muitos brinquedos e eram todos tão bem cheios de posse como tudo o que eles haviam conseguido, por séculos, adquirido.

Crianças ricas que me olhavam sabendo que eu não pertencia àquele lugar, que algo de errado estava acontecendo ali. Mas era necessário suportarem meu estar ali.

É claro que por eu não obter todos aqueles brinquedos, mantinha uma outra forma lúdica de criatividade, e que para aquelas crianças preguiçosas sussurrava interessante, afinal, o ranço colonial era tamanha que era necessário um corpo saltitante e alegre no meio daquela inércia infernal cheia de crises e mau humor.

Lembro-me desse ambiente cheio de mau humor e muita avareza.

Eram brigas e mais brigas entre os irmãos que, ao se unirem, discutiam sobre as terras e as heranças que mais uma vez estava fazendo ressuscitar espíritos malignos que tinham dívidas eternas.

Fui crescendo naquele ambiente perverso, de gente perversa e cheia de ódio.

Já adolescente, a amizade com os filhos daquela gente se fazia presente.

Crianças que não saíram das crises de projetos de colonos cheios de ranço, de mentiras e de mau humor.

O mau humor era estético.

Eu percebia os ensaios capitalistas que aquele povo mantinha.

Além do fato de elas terem poderzinho para distorcerem identidades de quem quer que fosse criando sempre justificativas para os males que acometiam às pessoas.

Enquanto elas mantinham heranças e colecionavam empregados negros, os mesmos sofriam pelos anos de dessubjetivação ao lado daquela gente que, sem nenhuma ligação ética para com a força de trabalho exercida do outro, os prendia em uma espécie de escravidão moderna, levando seus empregados ao adoecimento real por transferência dos males que eles carregavam.

Eu fora condicionado ao mau humor.

Minha mãe não sabe dos pormenores que atravessei diante daquela família colona.

E não me sinto bem para falar. Fazia-me muito mal a um nível que somente escrevendo poderia tirar de mim aquele sentimento de ter carregado um neologismo da escravidão.

Mas eu não sou escritor, e muito me admira tal arte.

Lembro-me de um dos filhos daquela gente de mau humor capitalista, e fico pensando qual fim deve ter tido, diante de uma das manobras mais sinistras que podemos envolver o outro, que é pelo jogo emocional.

Fizeram-me de terapeuta para o filho chorão de um dos colonos mais assustadores que tinha.

Aquela pessoa que não conseguia lidar com o outro, julgando sempre tédio e não identificação.

Mas tudo isso não se passava de uma crise de superioridade que mais tarde eu pude compreender que acometia aquela pessoa e a fazia viver entediado por ser uma pessoa autoritária.

Não aceitava o outro enquanto não espelho, ou o outro enquanto não brinquedos como fizeram de mim, no jogo emocional de colono moderno que pude também entender.

Eu exercia um esforço colossal para tirar aquela pessoa de casa e levá-la para se afetar com amor, com o outro.

Eu dançava enquanto ele me fazia dançar no julgamento de rei a assistir seu bobo da corte distrai-lo; eu apresentava pessoas para nos distrairmos enquanto colono queria que eu apenas servisse aos caprichos dele.

Mas não deu.

Eu era um corpo dançante, do movimento; alegre e aberto para deslizar em outros corpos pela linguagem que atravessa e nos torna incompletos e nunca dados a uma identidade estabelecida pelo olhar cristalizado da familiaridade.

Eu queria desfamiliarizar aquela pessoa da sua própria sina em queda, diante de uma herança tão negativa.

Era sempre negar o outro em detrimento do seu descontentamento de colono.

Lembro-me do fatídico dia em que um colega da universidade viajou comigo de férias para conhecer aquele amigo de infância colono que não havia saído das lavouras a assistir seus queridos entes colonos chicotarem os bobos da corte que não se dispusessem a obedecer a superioridade que os cercava.

Eu e meu colega da universidade fomos a um rio, perto da casa de onde o colono morava, deixando-o dormir após eu o ter distraído o bastante para que seu corpo carregado de mau humor pudesse, enfim, descansar em cama de madeira colonial.

Eu recebi tremenda surra de palavras de um corpo negro revoltado pelo incansável processo de racismo quais estavam atravessando ao lado daquela família cheia de posses e de maldade para com o outro.

Eu passei a ter que sair daquele lugar de escravo omissos. Era preciso haver temporada de caça contra colonos.

Meu colega se chamava Uma. E em nenhum momento ameaçava o outro, mesmo o colono. Apenas me fazia criar coragem para educar aquela criatura insuportável e maluca.

Uma era um garoto hiper preocupado com a história colonial que me cercava e cercava minha família, e em todo esse processo que nos levava a ter e a sermos reféns.

Éramos a nadificação diante da ira dos herdeiros de terras, e fazíamos companhia às mulheres tristes e aos empregados doentes de tanto exercerem forças que seus corpos não suportavam mais.

Uma trouxe para mim o que eu ainda não alcançava enquanto marcação de poder estruturado entre mim e aquela família macabra que eu ainda estava a andar em suas naus carregadas de corpos gemendo de dor e de tristezas.

Uma me explicou que eu estava sendo feito de ponte para toda aquela gente, e me fez lembrar o dia em que uma das mães daquelas crianças com devir colono me fizera passar.

Foi em um recital de poesias, quando apresentei um verso forte que eu havia escrito.

Os donos da casa onde estávamos me elogiou a ponto de os colonos se comunicarem como quem quisesse dizer:

‘olha o que estamos deixando o neguinho alcançar. É hora de cortarmos suas asas e darmos correntes’.

De fato, eu fui bastante elogiado e carreguei tudo aquilo sem vaidade, mas como expressão para o que era sempre calado e silenciado por eles, inclusive.

Eu não sabia que eu estava errado ao caminhar lado a lado com aquela família.

Eu nada queria deles além da sinceridade que nunca aconteceu por parte deles.

E meu amigo me chamava de corpo dócil, mesmo sem sê-lo.

Ele sabia que eu era uma metralhadora em estado de graça, como cantavam por aí.

E que por sermos condenados da terra, não pensava em ódio contra aos que mantinham suas heranças de colono, mas, sim, educá-los e torná-los pessoas melhores.

O que era ingenuidade minha e eu não fazia noção de onde eu estava metendo meu bedelho.

Mas Uma estava ali comigo, segurando em minha mão como aquela gente não havia feito nunca, por não terem amor.

Anos depois eu pude saber de acontecimentos acerca daquela família que, caso meu amigo Uma não tivesse morrido em um terrível acidente de carro, com certeza ele iria socar minha cara até eu vomitar todo o ranço que aquela gente tinha.

Não sei o que aconteceu com aquela gente.

Eu sei que aquilo que passei saber me deixou contente por eu ter me libertado sem precisar de carta de libertação para logo mais cair em um cadafalso.

Havia uma maldição jogada sob aquela família por conta de todas as atrocidades que elas haviam cometido por séculos contra negros.

Não havia uma só pessoa da família que não tivesse problemas mentais. Eram sempre adorados por quem os tinha como coronéis e amantes da máquina do dinheiro e cobiçava tal lugar.

Contam que alguns se suicidaram, outros foram presos e, outros, ainda, desapareceram para todo sempre das vistas de quem os sabiam vivos.

Lembro-me de um dos teus empregados, o Joca, que sempre me contava sobre o cansaço que seu corpo estava tendo que cumprir com atividades que era para cinco ou mais corpos exercerem, e que ainda assim ele era vigiado por câmeras e por outros negros que assim como ele eram pagos para serem fiéis aos seus colonos.

Uma das herdeiras roubava o salário dos empregados e os davam pela metade, mantendo-os silenciosos e sem coragem para reclamar, pois temiam perder até aquele emprego que os deixavam em estado de quase morte ao concluir de suas tarefas.

O que veio a ser uma outra realidade anos depois, quando eu denunciei tal acontecimento para todo o município, e conseqüentemente eu passei a ser um escravo traidor.

Que fosse.

Eu bem conhecia as manobras dos covardes colonos, e eu não estava mais para jogos capitalistas e para terapeuta de colonos.

Eu estava para mim e para os meus.

Era necessário ter responsabilidade afetiva, e o que aquela gente queria era o fim do sagrado que há em cuidar e respeitar o outro, possibilitando dignidade e o bem viver.

Aquela gente tinha tanto a perspectiva colonial, que elas viviam destruindo tudo e todos. Não havia uma só pessoa que pudesse passar pela vida daquela gente sem o ranço que o colonizador carrega em seu espírito maligno de porco.

Eram espíritos de porco que pariam ratos e essa inebriante forma híbrida os davam transtornos mentais.

A metáfora acerca dos animais nos distanciava de uma ética pela vida, mas construía imagens de marcação histórica constituída pelo nojo.

E era esse sentimento que passamos a ter, eu e minha mãe, de todos os colonos que comandavam a cidade e faziam desse jogo seus privilégios para conduzirem a cidade para o pior possível.

O mau humor que se instalou na cidade fora assumindo verdades que iam enlouquecendo diariamente seus cidadãos.

Minha mãe me contou sobre a história de pessoas do município que foram ficando patologicamente loucas por conta do descaso que havia ali.

Jovens iam se suicidando, e iam assumindo condições de tornarem-se críticos do cenário das injustiças sociais pelas quais estavam inseridos em um município tão pequeno e fácil de construir mobilizações políticas para pelo menos possibilitar novas fugas.

Os jovens queriam o poder a qualquer forma e isso causava neles indignação, e a única saída era colocarem armas de fogo nas mãos e tocarem o terror pelas ruas, fazendo vítimas todos aqueles com os quais cresceram. Repetíamos esse discurso como quem desejasse que tudo isso mudasse.

Se eles pudessem fazer pelo menos como você fez, meu filho, indo atrás de outras possibilidades de assistir como o mundo funciona, sem se entregar à lógica da política, que cria angústia capitalista, fecham as visões e os olhares para o que você considera enquanto potencialidades, esses jovens não estariam invejando os riquinhos da cidade e se angustiando por não terem as coisas que eles tem, se entregando ao mundo do crime como um todo.

Esse mundo do crime os torna vítimas deles mesmos, e logo depois eles matam ou se matam.

Na verdade, eu acho que eles são sempre assassinados, seja pelas próprias mãos ou pelas mãos de outros, que, assim como eles, reféns do capitalismo, forjam bem estar social, mas só fazem mesmo é financiar o crime organizado dos poderosos.

Pensar que as pessoas da cidade falavam que você ia dá para o crime, que ficaria viciado em drogas e que só iria causar problemas, fico aliviada por pelo menos você ter descoberto a lógica do Estado em manter as pessoas em eterna fissura pelo poder, a qualquer custo, de qualquer maneira.

Como eu já disse você não é orgulho, pois eu já sabia que a maldição dos riquinhos não iria chegar aqui.

Mas eu temia você sendo amigo dessa gente que só cultivava hipocrisia e que não mantém respeito por ninguém.

Ainda bem que você abriu os olhos por si e através das pessoas que são honestas e lutam pela desigualdade.

Seu pai foi vítima de dois sistemas perversos, o da igreja católica e do das famílias ricas.

Ambas as capitalistas e que desossam corpos até alcançarem suas almas.

Valei-me seja Oxalá!

Minha mãe me dava, diariamente, essas aulas de sociologia que eu ficava até incomodado diante de tanto peso que isso trazia.

A sucupira com sua cólera apontada para o alvo certo me educava e me tornava muito mais cheio de liberdade.

Era incrível a lucidez de minha mãe.

A louca era, na verdade, a pessoa que poderia ter educado toda essa gente que detém o poder como prática, mas não sabem de nada acerca de potência.

Estamira é a mulher que mais me representou em termos consciente de uma construção social. Ela era tudo o que podíamos encarar enquanto se despir de vaidade e encontrar verdades na loucura.

A imagem de uma mulher/louca/ave/socióloga e nada autoritária me possibilitava ter muita fé no sagrado do ser viado.

Um animal muito saltitante pulando fora da panela dos colonos adoradores de gente refém e vazia.

Minha mãe me fazia pensar aquela estrutura política micro enquanto eu estudava a política macro. E assim pude entender os movimentos discriminatoriamente chamada minoria.

A revolução era para ontem, mas somente agora eu havia tido esse contato colérico com a minha mãe.

Somente agora eu havia entendido que não era preciso ser herói, mas existir enquanto metamorfose.

Uma ave chamada A louca.

A louca ave socióloga.

Estar colérico e ser estático ao mau humor me rendia pensar distintamente as pessoas que estavam envolvidas nesses conceitos.

A ave colérica que queria liberdade e que era castrada por processos autoritários e idiotas, e o mau humor dos colonos que odiavam alteridade e queriam cristalizar tudo, desde os corpos que estariam servindo-os até o fato de negarem o que não herdaram sangue e corpos arrastados por comboios da política polícia militarizados, prontos para dizer sim ao rei e descer bala naqueles que, somente a ética ancestral pode nos ensinar enquanto unidade de irmandade.

Não devíamos ficar ao lado do que não nos tornava prósperos.

Nossa sina é a prosperidade, não a fome, não a loucura, não o autoritarismo, pois quem gosta de tudo isso são os políticos e os que seguem o desejo pelo poder fascista do dia a dia.

Você sabe disso, meu filho, aquelas pessoas não quiseram seu pai próspero, assim como não queriam que você se tornasse.

Para eles, estar próspero é adquirir liberdade e felicidade, e trabalhar o contrário a isso, é enaltecer velhas formas de odiar o próximo, e eles preferem a segunda opção.

Fizeram de tudo para se vir livre de todos nós, até mesmo inventarem que seu pai havia roubado uma lata de leite em pó, contendo dinheiro, na casa da vizinha.

Uma vizinha que você bem conhece que cresceu iludida por um poder que somente aqui no município poderiam obter, mas que fora daqui não são ninguém.

Pessoas que ganharam heranças e fizeram disso seu status quo.

Quantas vezes criaram histórias horrorosas sobre você, quando andava no meio daquela gente que você chama de colono.

As pessoas tinham tanto ódio e inconformidade de verem você na casa delas, que, ao invés de analisarem a situação na qual você estava análoga a eles, preferiam ter inveja, como se você fosse adquirir alguma coisa deles.

E era um inferno só.

Como o seu pai passou a vida inteira dele servindo a essa gente, eles ainda contavam sobre algumas notícias desgraçadas sobre o seu comportamento, por isso seu pai não sabia bem como agir contigo.

A liberdade que demos a você e aos seus irmãos não fora abandono, mas uma forma de prepará-los para esse mundo de cão.

Era sempre uma armadilha atrás da outra e você caía.

Lembro que toda culpa caía sob você.

A única criança negra, pobre, morando em uma rua que economicamente não deveria ter sido assim, fazendo amizade com os filhos dos vizinhos que tinham dinheiro sabe-se Deus como.

Mas tinham. E tudo de ruim sempre caía para cima de você.

Tudo que é de ruim sempre cai para cá.

Até isso mudar, você assumiu sozinho as maiores culpas sem ao menos ter consciência do que se passava. E o pior era que toda essa gente era de uma crueldade tão grande que mantinham a culpa nas costas do negro, culpando-o por existir no meio delas.

Elas, no fundo, queriam te culpar por morar naquela rua endemoniada e por ter atingindo a casa delas com a educação que lhe demos e com as instruções intelectuais que você veio a assumir.

Era insuportável te ver ali, sem poder de fato fazer você compreender o que era tudo aquilo.

Isso tudo era racismo, aporofobia, minha mãe.

O medo e nojo, aversão a pobre.

E o medo de você seguir a sina do teu pai se tornar um escravo obedecendo àquela gente monstruosa com muito mau humor no coração.

Graças a Deus você cresceu, tomou consciência de quem eles são, e inclusive tornou-se muito mais capaz e muito mais humano do que todos eles.

Mãe, aquela gente mantinha disposições morais que envergonhava qualquer pessoa que tivesse tido oportunidade de viver livremente seus desejos.

Eles tinham uma deficiência moral e uma bestialidade que não fazia nem o mais dos humildes homens e mulheres terem inveja, a menos que não soubesse desses pormenores.

Eram tão bestiais que quando bebiam vinho, brigavam entre si a ponto de se agredirem como se fossem velhos inimigos.

Era vexame atrás de vexame.

Sem contar os segredos que iam sendo revelado uns dos outros.

Lembro-me do caso de roubos, abusos e tudo o mais que devemos evitar se queremos nos manter em excelência com nossa potência.

Era terrível. E o que os mantinham naquela posição de moral de porco, era mesmo o fato de manterem suas heranças coloniais de dominarem tudo, de serem bestiais e ainda assim acharem quem os aplaudissem.

Eu tinha muita vergonha, e eu não estava entre eles por eu achar tudo bonito ou atraente, mas ainda era o meio pelo qual eu podia exercer minhas faculdades mentais de menino negro a conhecer, de perto, as discrepâncias que nos cercavam e alcançar nossa investigação acerca do que levou meu pai a morrer na mingua, estando ao lado daquela gente bárbara.

Eu ouvia coisas monstruosas.

Como a insistência do babaca do pai de uma das pessoas com quem eu mantinha amizade, que era o discurso de que para o município ter uma boa conduta moral dever-se-ia matar mais da metade da população.

Era uma concepção de higienização racial que ele queria.

Todos ao redor dele batiam palmas e arrancavam elogios.

Elogios que eles não aceitavam se não fossem para eles.

Se minha mãe soubesse que a mãe de uma dessas pessoas com quem eu mantinha amizade se negou a me dar parabéns por eu ter sido elogiado no sarau em que participei.

Era sobre uma poesia de minha autoria que se negaram a me parabenizar e, ao invés disso, elogiou a filha que nada fizera, além de ficar bêbada e com mau humor.

Eu percebia a demência moral que rondava.

Eu me divertia diante de um estado patológico que a própria sina de colono os dera.

Eram detalhes que aos poucos eu fui compreendendo sobre o que significava a mentalidade deles.

Evita-los foi tão fácil quanto tirar gesso de um braço quebrado.

Eu entendia que assim como quem deseja destruir tudo para tomar para si, eu devia sair da vida daquela gente antes que eu me tornasse tão moralmente incontinente quanto eles eram.

Lembrar-se de Homero parecia óbvio.

Apesar de eu pensar que excelência moral heroica parecia perigoso, diante do endeusamento pelo qual alguns homens brancos são submetidos e que no final nada de excelência acontece, além de uma demasiada contradição acerca de qualquer tentativa de plastificar a condição humana através de suspensão moral.

Devir sucupira era mais potente.

A louca era assertiva, os heróis não, eles eram superestimados.

A bestialidade do ser humano cessará quando tornarmos-nos capazes de negarmos o capitalismo como disposição moral adequada, mãe.

Não há vergonha maior do que esse pensamento tântrico diante do estado de não poesia pelos quais civilizações vivem o de restabelecer sempre contato com práticas coloniais.

As pessoas queriam nos matar, e não era fácil sabermos disso tacitamente, bem como não era fácil vê-los com bíblias nas mãos, entrando e saindo de igrejas, nos olhando como animais selvagens desejando nossas carnes.

Todas as palavras eram desferidas contra nós para que preparássemos nossa morte induzida. Mas precisávamos nos tornar fortes e criarmos uma força de justiça e ensinamentos ancestrais.

Levamos o transcendental para aquelas pessoas que não sabiam sequer sobre o sagrado, mas, sim, de como conseguir concessões morais para blindarem suas posses e seus atos corruptos.

Era preciso ensaiar a vinda de Xangô para aquele município.

Um Xangô perambulando por aquelas ruas, segurando seu oxé e olhando para toda aquela gente imbecilizada adoradora de herdeiros coronelistas, racistas, autoritários e fascistas do dia a dia.

Era de tremer. Mas ele que faria a terra tremer. Xangô!

Já sonhei diversas vezes como seria essa vinda:

Em um dia de quarta-feira, o município inteiro iria sentir um impacto em seu solo, às 05h, quando estivessem ainda dormindo.

As pessoas fofoqueiras iriam ser as primeiras a verem rajadas de fogo e os trovões ensurdecedores vindo das serras.

Por ser um fenômeno nunca visto antes, a cidade inteira iria se reunir na praça principal, a esperar bombeiros, padres, pastores, prefeito e, claro, toda aquela gente autoritária detentoras do poderzinho de funcionário público.

Trovões que fariam tremer o solo a cada explosão, raios, fogo.

As pessoas viriam muito fogo descendo das serras a se aproximar da cidade, mas não iria se mover para perto de toda aquela gente ruim. O que iria chocar a todos.

Com o solo tremendo em escala gradativa e rachando alguns pedaços de onde estavam àquela gente vil ficaria lembrando suas crianças, massacradas pelos seus desejos de adultos vermes capitalistas e cheios de deficiências morais.

Iriam se abraçar de medo?

Ou se sujariam todos diante de um fenômeno da verdadeira natureza?

De repente, dia se faria noite de tão nebuloso que ficaria os céus, arregalando olhos e retirando daquela gente onomatopeias e expressões de muito medo.

Como era de se esperar, os poderosos iriam tirar seus carros das garagens e iriam tentar fugir, o que não seria permitido visto ter as pontes que davam acesso para outras estradas, partidas ao meio e levadas pelo rio.

O rio gemia como se estivesse chorando ou anunciando desgosto e muito desejo por esclarecimentos.

Essas pessoas estavam ilhadas diante da ibérica formação que aquela cidade tinha.

Socorro, Deus pai todo poderoso criador dos céus e das terras! Me ajude a sair desse inferno, desse caos! Não me abandone, Deus! Eu sou seu filho e a ti entrego todos os meus bens e honrarias. Mas peço-te, ó, senhor, salva-me!

Era de um individualismo macabro tão ferrenho, que, nem nesse momento aquela gente conseguia pedir por todos, despindo-se do deus elitista e egóico que inventaram para carregar seus corpos imundos e cheios de ódio pelo outro.

Eles eram imundos e nem mesmo diante de uma catástrofe anunciada não renunciavam de toda plastificação que os tomavam.

Sete dias e sete noites aquela gente passaria por aquele episódio.

Xangô não iria aparecer em forma humana para aquela gente, mas deixaria mensagens que nunca mais teriam condições para voltarem atrás.

Todas as vezes que os adoradores de poderzinho reconstituíssem suas casas e voltassem a ignorar aqueles por quem nojo os tinham, o fenômeno se fazia presente, cada vez mais especificamente, o que fazia com que se pusessem a pensar.

Somente as casas daquela gente miserável de alma pobre viriam ao chão, bem como carros arrastados pela natureza.

Essa gente passaria a procurar as casas das pessoas humilhadas e segregadas por elas, as quais não teriam, sequer, um arranhão, e iriam sim abrir suas humildes casas para ensinarem o que aquela gente jamais teria condições de saber, que era o amor.

Amor gratuito.

Xangô apareceria na casa do prefeito, anunciando somente mais sete dias para que tudo mudasse.

Esse aviso não voltaria a ser dado, e, ao invés desse recado o que iria acontecer seria cabeças rolando.

Aquela gente afoita sem acreditar na lucidez do prefeito se poria a fazer reuniões para solucionarem o fim que o prefeito teria.

E, como que num ato de confirmação do autoritarismo que aquela gente exercia, iriam pedir, eles mesmos, a cabeça do prefeito.

E toda maldição estaria iniciada e assim, diariamente cada uma daquela gente iria repetir o mesmo que o prefeito: cabeça tombada.

Receberiam o recado, mas não iriam ser levados a sério.

Quando toda aquela gente tivesse perdido suas cabeças, o último chamaria os mais pobres da cidade para anunciar, em público, o que poderia acontecer para que aquela cidade voltasse ao funcionamento normal.

Não se acreditava na bondade nem mesmo de algumas pessoas humildes daquele lugar, era preciso tal pronunciamento, para, assim, conceberem o melhor que havia entre legisladores e cidadãos.

O mito da vinda de Xangô em terra me seguia diariamente, como espécie de educação ancestral.

Era preciso ser justo e agir para o bem. O contrário a isso seria recorrências de acontecimentos ruins.

Contei esse sonho para minha mãe.

Ela riu e me olhou de soslaio, como quem quisesse dizer que era mesmo aquilo que deveria acontecer. E, ainda rindo, me perguntou sobre irmos no rio, respirarmos melhor e vermos o que de fato nos fazia bem, naquele lugar.

Natureza.

As pessoas da cidade tinham constituído as nossas naturezas.

Minha mãe e eu éramos indignos de qualquer ato de piedade deles, diziam.

Eles queriam a qualquer custo que minha mãe tornasse a viúva patética que morre junto com aquele marido que nem sempre exercia papel passível de romantizar seja lá o que quer que fosse, e, como em uma espécie de rito satânico aos beatos do município entregasse sua autonomia nas mãos daquela gente amaldiçoada.

A viúva agora teria que pertencer ao poder do município, que, indo à igreja e servindo as pessoas enfatizadas e cafonas daquele inferno em estado de cidade, roubariam sua liberdade e a faria, dia a dia, morrer um pouco até desaparecer diante de panos para cobrir sua pele.

Teria que se prostrar ao falo do padre a se dizer enviado de Deus para o reino da loucura coletiva.

Eles que vão para os infernos, meu filho!

Vociferava minha mãe, com muita cólera e apontando para a procissão de beatas que atravessavam a rua onde morávamos para irem à igreja, nos julgando, de longe, por não irmos àquilo que, sinceramente, nem eles sabiam o quê.

Elas não entendiam que aquele prazer de servirem ao padre não tinha que pertencer a todos, e muito menos que aquela religiosidade tinha que ser a única, a nos despertar para o desejo.

Sinceramente, não estávamos para essas situações bestiais e acreditávamos que nossas incontinências e continências, bem como nosso prazer e nosso sofrimento não tinham como encontrar permanência em atividade naquele movimento tão alienável.

Precisávamos continuar a buscar o que nos unia e, também, o que nos tornou amigos.

Sabíamos que tínhamos a amizade como importante para a vida, e naquele lugar onde vivíamos não nos fora dado a permissividade para sabermos o que era a amizade.

Não tinha como os detentores de poder e de riqueza saber o que era amizade, talvez por isso que elas nos desprezavam.

Não era qualquer amizade, afinal, existia a sabedoria de uma ave de 70 anos e as experiências de um veado. Juntos, ave e veado se uniram para explorarem as faunas uns dos outros.

O que eu conseguia pensar enquanto potencial de amizade para minha mãe era ajudá-la a evitar erros que não eram mais importantes no tempo em que estávamos vivendo, e com isso ela saía desse lugar de senilidade pelo qual estavam querendo afundar os dias de vida que ela ainda tinha.

Não sabíamos quem iria morrer primeiro.

Isso reforçava ainda mais nossa união como ensaio de excelência para nossa amizade.

Nossos tons eram diferentes, por isso nossa união foi tomando processo de consolidação, mas nossas diferenças eram ainda maiores e mais necessárias para podermos compreender o que queriam fazer da gente.

Não amávamos todas as coisas e não amávamos todas as pessoas.

Nosso objetivo fora tomando caminhos de investigação potente para sabermos o que haviam feito da gente e o que a gente estava fazendo com aquilo que fizeram da gente.

O que fizeram de você, mãe?

Não era para eu ter nascido.

Era para eu ter voltado para o buraco.

Não é novidade o que a vida me fez.

Alguns reclamam da vida pelo preconceito que sofrem por serem gays, por serem negros.

Eu sigo desorientada por ser sempre alvo de distorção dos meus atos.

Diversas vezes fui interpretada tão mal que tudo isso foi acabando comigo.

Viver em São Paulo não foi o melhor dos presentes da vida, mas viver aqui, meu Deus, parece realmente um castigo divino, diante de tanta gente ruim, perseguidora.

São Paulo não tinha como ninguém ter simpatia pela minha existência, mas aqui... meu Deus. Por que as pessoas tinham que ter me apresentado o pior delas?

Eu queria ser aquela criança do sapatinho limpo que brincava de fazer mímicas com as músicas do Roberto Carlos.

Até nossa mãe nos chamar e terminar nosso momento de alegria.

Além do medo do barraco em que morávamos cair.

Eram barracões divididos por barros.

Minha criança me salvou, meu filho, assim como você vive a dizer da sua.

Minha primeira televisão preta e branca, as brincadeiras com os vizinhos...

Eu ia para a casa da vizinha que tinha o chão da casa todo pintado de vermelho, passados com cera e querosene.

Mas lembro do dia em que descobri a infelicidade pela primeira vez.

Eu estava brincando com minhas amigas, e de repente elas inventaram de corrermos e nos olharmos no espelho, encarando nosso rosto e procurando o que a gente mais gostava.

Foi naquele momento que descobri que eu não gostava de nada em mim, e depois daquele dia eu não voltei mais a ser criança.

Eu era amarela, sem saúde, com manchas escuras e cara de quem realmente não estava nutrida.

Parei de estudar com o pretexto de eu ir trabalhar, e os meus pais amaram. Consegui meu primeiro trabalho e pensei que não seria mais como antes.

Antes de eu sair da escola, apanhei de uma colega na época, no rosto.

Não lembro do porquê ela havia feito aquilo.

Todos tinham medo dela, e nem mesmo a diretoria fizera algo.

Ela andava com gilete e andava ameaçando as pessoas.

Depois de muito tempo, entrando no ônibus para eu ir ao trabalho me deparei com ela. Passei por ela no corredor com tanto ódio que não sei como não a joguei no chão.

Eu vivia querendo fazer plástica.

E até mesmo na televisão eu tinha aquele recado de que era preciso ser bonita, e vinha um antipático homem falando que “as feias que o perdoasse, mas beleza era fundamental”.

Fiquei presa naquilo e parece que nada mais aconteceu na minha vida.

Por isso não consegui ser aberta.

Não tenho liberdade dentro de mim.

O trauma paralisou tudo em mim.

E, para piorar, quando eu chegava em casa meus pais me chamavam de caipira e de bicho do mato.

Era desespero em todos esses lugares onde eu passava.

Cresci com essa imagem, achando que nada mais poderia fazer sentido na minha vida se eu não tivesse beleza.

Ai, de mim!

Gemi depois que minha mãe me contou do teu infortúnio.

O melhor disso foi o desabafo de minha mãe.

E melhor ainda foi que ela mesmo pôde falar que não sabe por que não saiu desse trauma. Ou seja, eu acho que ela sabia que era sempre importante atravessar por esses traumas e sair deles, buscando novas formas de se ver e de reestabelecer o eã que há entre nosso corpo e as histórias as quais somos lançados.

Era preciso buscar coragem para driblarmos nossos medos e encararmos todos os problemas.

E eu sabia que era necessário ser amigo de minha mãe.

Não por piedade ou por moral.

Era por eu saber que era incomum que minha mãe tivesse sociabilidade na idade em que ela estava.

Talvez eu me sentisse tão sem coragem quanto ela, mas era necessário estar aberto para os bons de espírito, pois, no meu caso, o que me impedia de estar tão aberto, eram por dois motivos: medo de não serem generosos comigo como eu buscava ser com elas, e o esforço por sermos felizes na amizade, a fim de sermos agradáveis uns com os outros.

Eu não buscava amizades úteis, mas que tivessem igualdade entre todos.

Minha mãe não tinha amizades.

Quando pessoas de longa data tentavam se reaproximar dela, era como se ela se sentisse invadida.

Como se aquelas pessoas não tivessem tido a oportunidade de saberem dos problemas que a cercaram, e por causa disso para ela não fazia nenhum sentido tê-los no único espaço em que podíamos administrar que era nosso lar.

Nosso lar de fato era nosso lugar sagrado.

Não havia dúvidas.

Não precisávamos de marcação de superioridade em nossa amizade, visto sermos mãe e filho.

Parecia um ideal não tão bom para quem nos via.

Éramos capazes de nos respeitar e sabermos o que de fato poderia ser importante de ser dito e o que era imprescindível manter calado.

O que precisávamos ter cuidado era o fato de quererem nos ver passando fome.

Esse seria o último dispositivo de controle que iriam aplicar em nossos corpos, como forma de nos punir por não sermos mãe e filho tal qual a igreja e a moral vigente do município desejam que fôssemos.

Não éramos e não teria possibilidade de atravessarmos o lugar da autoridade.

Só seríamos livres se deixássemos quem quer que seja, também, livre. Por isso não desejávamos o poder que fazia com que pessoas delirantes megalomaníacas se achassem, exatamente, heroicas.

Ave louca. Veado louco.

As pessoas da igreja, meu filho, quando eu era criança e ia para a igreja com a minha mãe, diziam que os negros foram amaldiçoados por Deus e que por isso eles passaram a praticar rituais de candomblé.

Imagine eu criança ouvindo tudo aquilo, tendo um pai negro retinto e uma mãe miscigenada?

Minha mãe era racista, mas dizia que não, pois se fosse não teria se casado com meu pai, que é negro.

Mas vivia chamando a vizinha de 'nigrinha ruim', de 'cabelo duro', entre outras.

Eu entendi o ódio pelo negro quando as amigas da minha infância criaram o jogo de nos olharmos no espelho e procurarmos algo.

No espelho eu não me vi bonita, e não me via como as meninas eram.

Elas eram bonitas, por isso também riam de mim, às vezes.

Esse colono que você chama, deve ter praticado esse mesmo método de ódio pelo negro, e eu penso na banalidade do mal que você já me explicou.

Pessoas brancas que invadiram o jeito dos outros de viverem e passaram a dominar e fizeram disso uma das piores injustiças contra a vida humana.

Eu não sei como teria sido se eu não fosse miscigenada, e tivesse também essa marcação de discriminação social.

É tanta crueldade acometida contra o que é diferente que não cabe na realidade de muitas pessoas que atravessam esse mundo sem essas perseguições idiotas.

Ouvir minha mãe era sempre um soco no estômago.

Lembro-me do dia em que ela e o pai dela estavam presentes um do outro.

Falavam sobre um pão que eu havia comprado e que lembrava os anos de quando moraram nos subúrbios de São Paulo.

Era um pão grande, massudo, à lá santa ceia.

Esse pão os fizera ficar emocionados.

Foram mais de trinta minutos de emoção.

O pão os unira em um momento triste, no qual lembraram de minha avó que morrera tristemente querendo comer, pedindo por comida.

Por café.

Uma cena triste.

Minha mãe tivera uma infância de miséria, de muita fome, e o bendito pão que eu comprara para eles tomarem aquele café remetia a um desgraçado pão de uma política de fome que permanece como maior dispositivo de controle das vidas de todo nós.

O pão que eles estavam comendo havido sido pago pelo dinheiro de uma professora que me ajudava. Ela sabia ser generosa.

Sentir fome não é possível para corpo algum.

Vê-los emocionados por lembrarem que apenas os dois estavam comendo aquele pão que outrora era dividido por mais de cinco pessoas.

Não podíamos esbanjar, mas a fome que dói já não havíamos experienciado. Mesmo com muito medo de passarmos fomes, acreditamos não ser possível atravessarmos os mesmos problemas de antes.

Eu ouvia sempre que a mãe de minha mãe era a que mais passava fome, quando deixava de comer para dar aos seis filhos e ao marido, que tinha que sair para trabalhar para mais uma vez levar o mínimo de sempre e de sempre.

A fome doía no corpo de minha avó que hoje se fez presente no pão desgraçado que nunca fora abençoado e que parece que até mesmo o homem branco conseguiu tirar o alimento do caminho do sagrado e o levou para uma esfera capitalista que construiu a fome como sendo um marco em todas as civilizações.

Carolina de Jesus era minha mãe, minha avó. Elas eram cria da fome e do ódio político.

Eu e minha mãe tínhamos sangue nos olhos.

Estávamos atentos ao ódio alheio para não passarmos fome e não repetirmos o que aqueles políticos sabem somente pelas estatísticas.

Os políticos, a rirem da dor que a fome causa e faz qualquer corpo vertiginoso e objeto de contingência para urubus ensaiarem voos da morte em contradição com o corpo estirado no chão.

As pessoas da cidade eram autoritárias e nem sempre eu e minha mãe conseguíamos forças para driblarmos todo aquele jogo político.

Em maio do ano passado, no meu aniversário de vinte e um anos, ficamos trancados o dia todo em casa, e só nos demos conta quando nos vimos na cozinha, ambos procurando por água.

Ainda tínhamos água na geladeira, de qualidade duvidosa.

Um rato pulou de frente a mim e fugiu pelo fétido bueiro que havia na escada que dava acesso à cozinha.

Devia haver mais de mil daqueles bichinhos.

Eu não tinha nojo ou ódio deles, a menos quando tínhamos que criar metáforas para chamarmos alguma pessoa imunda de rato. Era automático o nojo que tomava minha cabeça.

O rato havia pulado do ripão do telhado sujo.

Por pouco não me devora.

Devíamos estar desidratados e com muita fome.

Ambos não tivemos coragem de irmos à rua comprar o pão para tomarmos café.

Passamos um café forte e comemos alguns biscoitos velhos, murchos, que estavam em uma sacola no fundo do armário úmido e com o fundo solto.

Lá também era morada de ratos.

Muitos ratos queriam nossa atenção.

Um armário cheio de ratos.

Sentamo-nos à mesa e olhamos para ao outro.

Não tínhamos graça alguma, mas não estávamos coléricos, apenas sem forças, sem nutrição.

Como quem estivessem esperando por alguma palavra otimista.

Fazem dois meses que meu pai morreu, e a casa ainda fedia a velório.

Não íamos conseguir otimismo.

Tínhamos uma conta de mercado para pagarmos, mas não tínhamos dinheiro nem mesmo disposição para vermos as caras daquelas pessoas que frequentaram a nossa casa no pior momento que alguém poderia ter ido nos ver.

Nem mesmo o meu pai morto deveria estar gostando de tanta gente ruim reunida a fim de julgarem a qualidade do caixão.

Ele sabia que aquelas pessoas estavam ali para desejar que ele fosse para o inferno.

Sabíamos que estavam a falar da péssima qualidade do caixão. Sabíamos.

As inúmeras folhas de chá que levaram para o velório, a fim de acalmar pessoas que não eram da família e que protagonizaram um escândalo que até hoje nos envergonhava, estavam dentro de um saco grosso de depositar farinha de mandioca.

Olhamos para aquele saco e ficamos tristes, foi quando conseguimos falar.

Falamos de nos livrarmos daquele saco, já que não suportávamos sequer o cheiro daquelas folhas, quanto mais ingerirmos todo aquele líquido de rito de passá.

Algumas folhas estavam secas e em pó, assim como o corpo do meu pai, a disputar com os germes.

Minha mãe ficava olhando para o teto da casa, com a boca aberta e os olhos mais tristes do que era de costume.

Meu pai fazia aniversário no mesmo dia em que eu também completava, e sempre que estávamos juntos comíamos macarronada com atum enlatado.

Não suportávamos mais o cheiro de atum enlatado.

Tudo cheirava a morte.

Corpo encaixotado/minhocas macarrão/ germes gulosos.

Será que iremos ter condições de sobrevivermos nessa cidade sem a força que seu pai exercia diante do autoritarismo dessa gente má?

Ele era um capacho, mas tinha autonomia e voz ativa.

Ele assustava a todos com aquele jeito de touro voraz.

Ele atropelava a todos e por isso eles não o adoravam.

Ele obedecia, mas fazia do jeito dele.

Sinceramente eu sabia que não seria possível vivermos por muito tempo, pois iríamos morrer à míngua, caso fôssemos depender da boa vontade de pessoas que esperavam pela desgraça de alguém, para eles levarem para praça pública e exibirem seu cadáver.

Mas eu precisava exercer o otimismo a qualquer custo.

Minha irmã há tempos havia enlouquecido desde que o marido dela a deixara para viver com uma grande amiga dela.

Não podíamos contar com ela.

Esse caso fora um dos primeiros de ordem ética que nos distanciou de toda aquela gente maldosa, de coração de gelo e olhos de dinheiro.

As pessoas deram festa quando souberam que a minha irmã estava triste.

Eles queriam que ela também fizesse parte dos ressentidos que não são amados.

Meu irmão havia desaparecido há tempos em alguma cidade no Sudeste, e não havia mais entrando em contato com a gente.

Eu o entendia.

Ele queria dizer que era melhor que cada um vivesse sua desgraça de forma independente, sem o acúmulo de desespero de uns para com os outros.

Minha mãe talvez quisesse que eu também desaparecesse, para, assim, poder se livrar de todo aquele personagem de ser mãe.

Mãe triste e humilhada em toda sua vida.

Ela precisava que desaparecêssemos.

Era mais desejo meu do que dela.

Pelo costume.

O hábito de nos tornarmos infelizes diante do objeto que nos traz tal sentimento.

Não. Claro que não podíamos pensar em nos abandonarmos nesse momento tão vulnerável para nossa mãe.

Ela fora dependente a vida toda do nosso pai, aqui no município.

Ela não ia sobreviver por muito tempo se ficasse só.

Ela ficaria bem, sim.

Mas as pessoas botariam seus planos de acabarem com a moça da cidade grande na primeira oportunidade.

A começar roubando nossa casa e entregando aos poderes da igreja.

Em seguida iriam fazer dela uma beata maluca que odiava seu corpo, seu espírito e as pessoas são.

Igreja não tinha espírito são.

Tinha perturbações e perturbados.

Perturbadores signos de castidade.

Meu pai já era. Pensava.

Agora era eu e minha mãe.

Meus irmãos, só Oxalá na causa.

E eram muitos os efeitos que as tantas causas de descaso para com nossa vida nos tomou.

Nos atormentaram até conseguirem nos separar, como num plano colonial de separar famílias e as tornarem fracas sem ligação com a ancestralidade.

Eu não deixaria que isso nos acometesse. E em breve iríamos resgatar nossa força em família.

Iríamos dançar em praça pública em rito candomblecista.

Tambores atordoariam toda aquela gente. Gente oca que nem o diabo os ambicionava.

Ambição é coisa de gente. De gente ruim.

Bando de gente ruim!

Desgraçados de desejo e de corpo.

Sem contar que a irmã dela era alcoolista e viciada em jogo do bicho. A mãe de minha mãe era escrava de si mesmo. Perdera tudo e não conseguira mais estabelecer sanidade para o que quer que fosse. Ela estava louca e vivendo de copos de água ardente que pessoas malignas davam para ela.

Dizem que havia sido um feitiço lançado sobre o empreendimento dela.

Eu duvidava da vizinha. Nada me fazia pensar o contrário.

O mais inacreditável era o pai de minha mãe, com 89 anos, que estava vindo embora para cuidar de minha mãe. Eu sabia que era tempo somente dele chegar aqui para cair duro em um caixão, assim como acontecera há pouco com o meu pai.

Parecia que aquela cena dantesca queria nos dizer alguma coisa de muita valia.

Os gatos pararam na porta da cozinha, miando alto, pedindo ração. Eu fui até o quartinho pegar ração quando ouvi um barulho de vidro caindo no chão.

Minha mãe deixara cair as xícaras que ela havia pegado para tomarmos café.

Os cacos estilhaçados nos deram uma sensação de que havia uma mensagem e que era preciso decifrarmos todos aqueles signos.

O espírito do morto estava rondando a casa a fim de nos dizer algo?

O que ele ainda queria com a gente?

Eu tinha raiva do morto desde que eu o vi inerte no caixão como quem nada mais quisesse com a gente.

Então, ele que fosse para o melhor e nos deixasse aqui, na pior. Pois estávamos na pior.

Consegui colocar ração para os gatos e observei que um deles estava ferido. O que me causou arrepio por todo corpo. Eu não podia mais aguentar tantos recados vindos de cada detalhe que a gente tinha em nossa percepção.

Minha mãe recebe mensagem no celular.

Era da funerária, avisando que o caderno de visitas do morto estava com eles e, que a secretária estaria levando dentro de vinte minutos.

Meu deus para quê que a gente quer um livro que diz quantas pessoas veio ver a cara do morto que nada pudera fazer com tantos olhos a criticarem sua passagem por aqui?

Mãe, vamos ligar rapidamente e dizer que a gente não quer.

Assim fizemos.

Minha mãe voltou a olhar para o teto da cozinha.

Eram telhas de barro, bem escuras e cheias de teias de aranha, com diversos buracos por conta dos gatos que viviam brigando em cima daquele telhado.

Eu sabia que minha mãe queria dizer que não ia aguentar cada memória infeliz daquela casa velha, que parecia meu pai em cada pedaço de madeira velha cheia de cupim.

O caixão agora estava repleto de cupim.

Ele dormia no chão, e fora enterrado em uma caixa. Ele devia estar puto com a gente. Que tivesse.

O que podíamos fazer para mudarmos a memória que tínhamos daquela casa que mais parecia com a morte que rondava incessantemente por aquele lugar?

Tentei lembrar o nome da mãe de santo que aparecera no dia do velório do meu pai. Mas nada vinha, além da imagem dela com adereços ritualísticos.

Talvez ela pudesse nos ajudar a despachar de vez aquela sina desgraçada de continuarmos com um peso que não nos cabia.

Leve ele, Deus, e o dê o um descanso.

Cínico que eu era, fiz essa piada.

Eu não acreditava em Deus, mas tinha muita fé nos orixás.

Deus de homem branco era autoritário e capitalista demais para eu cultuar, diante de uma situação de extrema pobreza como aquele em que vivíamos.

Eu ia lá cultuar Deus que não gostava de mim?

Oxalá, Exu e Xangô! Como iremos comer a partir de agora?

Pensamos seriamente em vendermos a casa e irmos embora dali. Somente assim iríamos concluir nosso desejo antigo de sairmos dali e irmos morar em um lugar onde não conhecêssemos ninguém e que não iríamos precisar contar nada.

Nossa vida infeliz não merecia que ninguém descobrisse.

Iríamos apresentar nossa reperformance.

Mãe e filho de mente sã.

Talvez seria mais interessante se pudéssemos mudar de nome e de perspectiva de vida.

Eu poderia vender comida e minha mãe poderia me ajudar a vender.

Mas eu não sabia para onde poderíamos ir.

Ela me disse que iria colocar silicone no rosto para ficar igual ao Fofão da Augusta, pois o achava literalmente infeliz e sabia que aquela mudança animalésca tinha a ver com rejeições e inconformidades.

Ela o conheceu ainda nos anos 1990.

Minha mãe havia viajado para São Paulo com a irmã dela, para despedirem-se da mãe, que estava definhando em um leito de hospital.

Fiquei em casa somente com o meu pai. Meus irmãos estavam em um vilarejo, e passariam mais de 20 dias por lá.

Mas não tenho lembranças dessa fase, além de comermos muita macarronada com atum enlatado e de eu ler até de madrugada com uma vela acesa para não incomodar o sono do meu pai.

Ela fala que o Fofão da Augusta a viu passar e dera para ela um panfleto de alguma peça teatral que aconteceria por algum teatro de onde ela estava.

Mas a coitada nunca havia pisado em um teatro.

Ao pegar o panfleto e entregar algum dinheiro para o Fofão da Augusta, ele a olhou com muito carinho e abriu um sorriso angelical e inofensivo, como quem quisesse dizer que ela era um deles.

Ele a agradeceu elegantemente em outra língua e deu as costas.

Ele olhava para trás e acenava para ela. O que a deixou literalmente encantada.

Ela queria se esconder do mundo e a gente precisava desvelar o estandarte de agonia que havia nos dados até ali.

E nada mais poderia permanecer como estava.

Tínhamos um longo caminho para driblarmos com todo tipo de azar.

A má sorte não iria mais nos pegar.

Tranquilos.

Tínhamos que seguir tranquilos.

Sangue no olho. Olho em todos os lances que a vida em seus métodos de jogo nos pusesse a jogar.

Pesquisamos durante dias algumas cidades e compradores para a nossa casa.

Bem como pesquisamos nomes de bombardeiras para aplicarem o silicone industrial no rosto de minha mãe.

Ela ainda insistia nesse deslumbre de criar outro rosto.

Uma ave monstro.

Sabíamos que não estávamos bem e que aquele luto ia nos matar também.

Era preciso sair urgentemente daquele luto e procurarmos verdades e objetivos que nos dessem alegria e caminhos prósperos.

Não dava para olhar para o teto de barro sujo, nem podíamos ficar pesquisando uma forma de arquitetar esteticamente nossas vidas se haviam tantas questões, em nós, a serem elaboradas.

Tenho vergonha de não poder ser forte para lhe dar segurança.

Eu não queria ser mãe, por dois motivos: de nascerem crianças feias e de eu não ter capacidade para ensiná-los o que quer que fosse de bom.

Minha mãe me ensinava diariamente a ter autonomia e a pensar. Ela era tão potente que eu precisava de forças para poder tirar nós dois daquele luto.

Tudo bem que as pessoas da cidade faziam a gente desistir a cada momento em que as víamos.

Elas nos sugavam propositalmente para nos ver no chão.

Como era de se esperar, fofocas acerca de como meu pai haviam morrido começaram a rondar entre os malditos daquele lugar.

Minha mãe fora feita de alvo.

Era um absurdo de como estavam a tentar nos julgar. Por quê?

Por que, meu filho? O que estamos fazendo nesse mundo além de atravessarmos tantas dores?

Ninguém veio aqui em casa oferecer ajuda, mesmo sabendo que não temos condições para comermos ou pagarmos uma só conta de energia.

Por que agora essa culpabilização pela morte do seu pai?

Ele era teimoso e não queria ir ao médico. Escondeu de todos o que ele estava sentindo, e quando passou a sucumbir já era irreversível.

Eu não tenho condições de cuidar de mim que dirá de prestar atenção em outro corpo que está morrendo.

É muita crueldade para uma cabeça infeliz como a minha. Eu não vou suportar tanta maldade.

Foi a partir de toda essa partilha de agonia que decidi resgatar minha criança, e propor à minha mãe que fizesse o mesmo. Não iríamos sucumbir, apesar de todas as dores.

O que havia sido feito da gente até ali, não poderia assumir força de continuidade.

Teríamos que romper com tudo aquilo, da melhor forma possível. E o objetivo era traçarmos uma amizade que pudesse nos salvar.

Sucupira e veado não iriam cair no prato de quem queria se lambuzar com nossos corpos a molho pardo.

Tínhamos riquezas acumulada em sonhos e boas vontades, por isso estávamos sempre recebendo a visita de bons ventos em nossa casa, a nos dizer que precisávamos entender que todo ouro das pessoas que detinham o poder, não passaria, em breve, de tristes fim.

Sabíamos que 22 anos e 70 anos sem ouro não nos enlouqueceu, e não seria a falta dele que iria nos tornar infelizes.

A fome sim, era estado de alerta vermelho para o funcionamento dos nossos corpos.

Não tínhamos com quem contar. Sorte, zero.

Éramos condenados.

Minha professora já anunciava o fim do custeamento da nossa alimentação. O que me deixava intrigado. Existe limite para ações boas?

Os vizinhos ficavam desdenhando de minha mãe por ter sido dependente de meu pai, que morrera e nada deixara além de uma conta no mercadinho que por azar nosso, estava no nome de minha mãe.

Eles queriam que a gente morresse.

Mas não iríamos dar esse gostinho para a máquina assassina do Estado. Aquela gente ia presenciar um grande feito. Eu iria ser amigo de minha mãe até que um de nós morresse.

Ela havia feito somente o que é bom para todos nós de casa, durante os anos em que ela pôde, assim, fazer.

Além de nos ensinar que não era preciso termos alguém nos assistindo para que agíssemos para o bem. Tínhamos aprendido, desde cedo, que os irmãos condenados

estavam presentes ao nosso redor e que era preciso estar atento a ele. Por esse motivo crescemos, eu e meus irmãos, com outros tantos irmãos negros. Todos foram nutridos, assim como nós, sem distinção alguma.

Minha mãe havia nos ensinado que ensinar o outro a ser e agir para o bem, pensando em como desejaríamos existir e viver.

Minha mãe era coerente, diferente das pessoas daquele lugar, ela dizia que desejando para si o que era bom agiríamos sempre em conformidade para o bom.

Não era mais necessário eu duvidar que minha mãe me fizesse pensar.

E pensar em fazer o bem pelo bem, como fim útil e último dos nossos atos.

Assim eu passava meus dias, desde criança, a viver a pensar em ser bom e agir para o bem pelo bem.

Esse pensamento constituiu minha individualidade graças a minha mãe.

Minha mãe me ensinou a conseguir viver só, pois não temia os fantasmas das pessoas ruins que carregam espíritos também ruins.

Essa característica não me trouxe grandes alegrias, e parecia querer corromper meu desejo pelo bem a qualquer custo.

Pessoas desprovidas de excelência moral surgiram na minha vida ainda quando eu era criança. Meus pais já diziam sobre essas pessoas, mas eu não entendia, até o momento certo de saber e praticar o contrário.

Minha mãe dificilmente chorava.

Não poderíamos ser amigos de pessoas sem as características que tinha nos tornados amigos.

Se essas pessoas não eram boas em relação a si mesmas, não haveria de serem boas para mais ninguém.

Corrompidas que eram não teriam sentimentos bons algum.

Lembro-me de uma moça que havia tornado amante de um rapaz de péssima índole, e que viria a abandonar sua esposa e filho, deixando-os em situação de miserabilidade.

Aquilo chocou a todos nós, diante da falta de amistosidade diante do ato de separar uma família e não ter sentimento de amor algum por aquela mulher, que, como ela, era vítima de um sistema machista que as faziam de vítimas e as cegavam levando-as a agir como pessoas más umas com as outras.

Havia mais dor na mulher traída pelo seu marido e por aquela mulher que poderia ser chamada de amiga, do que desejo de reconsiderar as lutas que mulheres vem encarando como forma de se unirem para driblarem com tanta desigualdade e crueldade.

A moça ensinava para a outra, assim, que era mais fácil agir pela boa vontade, que como um desejo superficial poderia encerrar a qualquer momento.

Aquela moça não sabia de intensidade e desejo. Ela não entendia de dor do outro. Ela queria tornar-se cega diante da boa vontade entre elas, que poderia torná-las amigas e construírem, juntas, um elo de dores e lutas.

Parecia antiético pessoas que traem seus cônjuges. Parecem agir sem sabedoria alguma.

Talvez elas não tenham mesmo nenhuma capacidade de pensarem sobre honestidade afetiva.

Sangue no olho tinha a curupira. Saltos para uma fuga do que estava a nos sucumbir, tinha o veado.

Depressão.

Estávamos na Idade Média, vociferava minha mãe, enquanto eu acendia uma vela para rezar para Xangô.

Era quarta-feira, dia ensolarado e de muita calma e sangue nos olhos emprestados da sucupira. Eu precisava conter meus saltos, que desejavam que eu pulasse no pescoço de algumas pessoas e ateasse gasolina.

Gasolina neles!

Eu precisava me conter, sério, ou eu ia adoecer no plano perfeito para a amizade entre mim e minha mãe cessaria.

Roberto Piva me fitou, engoli a seco.

Fui ao encontro dele.

Sentei-me em uma poltrona de madeira e conversei com os poemas que me alertavam sobre a necessidade de potencializar meu corpo e não sucumbir ao coro dos assassinos de alma.

“Eu sou o tecno pagão”.

A vela mantinha-se acesa, assim como o ódio daquela gente da Igreja Católica Apostólica Romana, e aquelas pessoas queriam nos manter em estado de ruralização e servidão.

Não iríamos nos permitir.

Agora era meio-dia.

Eu e minha mãe almoçávamos nesse horário.

Sentamo-nos à mesa.

Nós nos olhamos e rimos sem parar. Loucura.

“Acédia Melancólica”, um mal-estar social que queria nos acometer como forma de confirmar uma maldição do meio-dia, mas ríamos forte e eu pedi licença para ouvirmos Itamar Assumpção enquanto almoçávamos.

O som alto a nos fazer companhia.

Não dava para digerir Roberto Piva naquele momento.

Arroz, feijão e salada: pareciam cacos estilhaçados a cortar por dentro.

Eu precisava ensaiar logo esse salto para sairmos daquela doença que se achegou calma diante de tanta violência externa. Ela queria nos enganar, dizendo que precisávamos dela para podermos ficar em casa.

Remédios, terapia, fraquezas, choros, não vitalidade, tristeza forte.

Não me venha com a ideia de que somos suicidas.

Ouvi dia desses em um vídeo que você assistia, uma moça negra falar sobre jovens estarem sendo suicidados.

Fiquei com os olhos arregalados com as imagens que ela fora associando entre violência, bater e corpos negros.

Ainda bem que você voltou, ainda que a morte que ensaiam para você aqui seja a simbólica.

Minha mãe sabia, então, que queriam nos matar simbolicamente, por negarmos os signos morais que eles pregavam. A corrupção era o maior signo que eles podiam carregar.

Mentiras/roubos/traições/distorções/perseguições/abandono/morte, meu filho; essas são as palavras e atitudes que eles usam contra pessoas como você, que não gosta de estar refém do abuso de poder e da linguagem cultural que eles vêm, nesses anos, trabalhando os planos políticos.

Genocidas sem lei.

Nosso diagnóstico sobre nosso adoecimento não precisa exatamente de um psiquiatra.

Qualquer pessoa pobre e do bem sabe o que é adoecer psiquicamente.

As pessoas me chamavam de difícil e diziam que eu precisava ser mais aberto.

Pensava seriamente se não se tratava de ironia. O que eles queriam ouvir, na verdade, era que assim como Rosa Parks que em 1955 disse ‘Não’ para um homem branco que pedira para ela se levantar do acento de um ônibus para ele se sentar eu, assim como ela, não me permitia mais viver as humilhações pelas quais eu e minha família passamos nesses anos todos.

Se eles entravam em <<bad vibe>> por conta da nossa autonomia e coragem para pensarmos, significava que estava dando certo nosso plano de não estarmos sempre em concórdia com todos os planos políticos para a cidade e conseqüentemente para nossas vidas.

Gostávamos de concordar com pessoas boas, isso sim nos enchia de esperança e otimismo acerca do nosso envolvimento afetivo.

O que não podia acontecer com pessoas más, elas só queriam para si aquilo que não seria possível para todos, como as chances de empregos e dignidade na cidade.

Pessoas más não querem promover felicidade.

Das narrativas disponíveis que o município nos proporcionava, sujeitos corruptos, casamentos frustrados, espírito de porco...

Passamos a entender que aquelas pessoas não gostavam de política. Eram incapazes de pensarem bem, de agirem pelo bem. Aquelas pessoas gostavam do poder autoritário pelo delírio que ele possibilitava, enquanto uma droga moraliza. O poder era tão perigoso para aquela gente quanto ouro de tolo nas mãos imbecilizadas. E era o momento de fazermos uma escolha, por mais difícil que ela fosse, ou parecesse ser.

Já havíamos, individualmente, estado dispostos a arriscar por coragem, e agora precisávamos estar atentos a nós mesmos, para que fizéssemos a escolha mais justa para consertarmos os erros que havia recaído sobre todos os cidadãos não pertencentes ao delírio do poder.

Minha mãe havia me ensinado a observar e a pensar, e era hora de acharmos algumas respostas para todas as nossas investigações que, por não termos tido a chance de sairmos do círculo vicioso do sofrimento, havia causado em nós um efeito vicioso pelo observar.

Sabíamos que potencializar nossos corpos seria muito mais complexo do que os tornar ativos para atividades burocráticas.

Havia vida em nossos corpos, e ainda que existisse um plano de poder para matarmos, estávamos fortes.

Minha mãe não via a hora de irmos embora dançar sem música, apenas com o som que os nossos corpos produziram ao apertarmos nossos passos e sorrimos um para o outro, a compreendermos que o nosso pacto de amizade estaria em movimento e para novos voos e danças.

Nossos corpos dançavam sem música e assim entendíamos o quanto as vozes daquela gente produzia em nós um sentimento sintético com gosto de plástico e de infelicidade.

Era preciso correremos sem olharmos para trás, como quem soubessem para qual direção seria o ponto de fuga perfeito.

Por um momento, enquanto corríamos, minha mãe ficou para trás, como que percebendo que era um movimento proposital, pensei que talvez ela quisesse seguir só, construindo seu caminho sem todo aquele peso que a tornara infeliz.

Não tinha nada a ver comigo ou com meus irmãos. Era algo que não cabia nela e que eu precisava, de repente, respeitar.

Continuei a correr até que ao olhar para trás não a vi mais. E entendi que ela havia pegado um atalho para onde ela queria chegar.

Era o caminho dela. Ainda que um dia viéssemos a nos encontrar, pois eu sabia que ela não estava dando adeus, mas, sim, tentando renascer.

Cheirei minha pele e ainda tinha o cheiro forte do banho de folhas que tomamos. Eram folhas de Oyá.



Graciele

Talvez os ventos não nos tivessem separado, mas nos levado a renascermos para podermos fazer a volta de um devir criança que não tínhamos desistido de alcançar.

Era preciso coragem.

Andaraí-Ba

2020

ISBN 978-65-00-21120-7